

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**VIOLÊNCIA CONJUGAL: MAPEANDO E COMPREENDENDO O FENÔMENO**

Mestranda: Larissa Wolff da Rosa

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Falcke

São Leopoldo, julho de 2013

# **VIOLÊNCIA CONJUGAL: MAPEANDO E COMPREENDENDO O FENÔMENO**

Mestranda: Larissa Wolff da Rosa

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Falcke

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

São Leopoldo, julho de 2013.

R788v Rosa, Larissa Wolff da.  
Violência conjugal : mapeando e compreendendo o fenômeno / Larissa Wolff da Rosa. – 2013.  
86 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós Graduação em Psicologia, 2013.

"Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Falcke."

1. Violência conjugal. 2. Crime sexual – Aspectos psicológicos. 3. Relação homem-mulher. 4. Casais – Psicologia. I. Título.

CDU 159.9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

*Suba o primeiro degrau com fé.  
Não é necessário que você veja toda escada,  
apenas dê o primeiro passo.  
Martin Luther King Jr.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer não é uma tarefa tão simples. São muitas pessoas que contribuem e iluminam a nossa caminhada, e neste tempo de Mestrado eu posso dizer que realmente tive pessoas que modificaram meus dias, deixando-os mais alegres. Eu tenho costume de agradecer sempre. Agradeço a Deus, e agradeço também às pessoas, sempre que tenho oportunidade, seja com palavras, seja com atitudes. Acredito que mais do que pedir, devemos sempre agradecer as pessoas que estão conosco, que nos auxiliam quando precisamos, que nos acalantam num momento difícil. Ou seja, estou devendo muitos agradecimentos, então tentarei aqui englobar a todos. Os agradecimentos não seguirão uma ordem de importância, no entanto, preciso iniciar agradecendo a pessoa que me colocou nesse mundo. Minha mãe, também conhecida como “Neusinha” é tudo pra mim, ela é meu grande amor, minha inspiração, meu exemplo de mulher guerreira, forte, vencedora. Cuidou de mim, me protegeu e por muitos momentos foi mãe e pai. Mãe, eu te amo mais que tudo nesse mundo. Nessa história de mãe e pai, alguns papéis se confundiram na minha família. Minha irmã, Rosângela Wolff da Rosa, além de irmã sempre foi um pouco mãe. Por ser a mais velha e eu a mais nova, sempre me protegeu, me ensinou coisas da vida, e me ensinou principalmente a correr atrás dos meus objetivos. Ela é aquela pessoa que quando estou um pouco triste ou desanimada penso em ligar, da mesma forma, que é pra ela que ligo também quando muito feliz ou tenho novidades. A distância (Bento Gonçalves – São Paulo) sempre nos aproximou. O avião, o aeroporto, a estrada são nossos aliados. Estar ao lado dessas duas mulheres, por si só, já me torna uma pessoa feliz! Meu pai e irmão, que completam esta família também foram especiais, apesar de “ausentes presentes”, meu irmão, por muitas vezes se preocupou,

tentando estar presente. Obrigada por tudo Cris! Meu pai, com sua fragilidade, por muitas vezes me mostrou o que ser forte e resiliente.

Enfim, pensando em grandes mulheres, tenho um agradecimento infinitamente especial. Minha orientadora Denise Falcke, que vai muito além de orientadora, sendo muitas vezes uma grande amiga, outras uma irmã, em outros momentos um “pai”. Múltiplos papéis foram exercidos nesse tempo que estamos trabalhando juntas. Minha admiração por ela aumenta cada vez mais e digo e repito que “quando crescer quero ser como ela” (risos). Nossa trajetória juntas vem desde a graduação, quando eu ainda era voluntária de pesquisa. O tempo foi passando e não somente ela e eu crescemos enquanto profissionais, mas sim, um grande carinho e admiração foram alimentados durante todo esse tempo. Pensar que uma etapa está se concluindo e que não estarei o tempo todo com ela me causa certa estranheza, por sempre ter ela ao meu lado durante tanto tempo! Serão sempre guardadas com todo meu carinho as nossas conversas, nossas risadas, gordices, implicâncias e cenas de ciúmes por te querer só pra mim! Escrever é apenas lembrar uma partícula de vários momentos especiais. Os papos cabeça, as orientações, reuniões e puxões de orelha, com certeza, hoje me fazem uma pessoa melhor. Mas vamos seguir a combinação né Dê? Você não vai se livrar de mim!

Nesse tempo de Mestrado construí não somente uma dissertação, mas sim, grandes amizades. Quero agradecer imensamente meu grupo de pesquisa, que por tantos momentos, colaborou no entendimento dos dados, na análise e na construção. As meninas do grupo que estiveram nessa trajetória também merecem todo meu carinho, Aline Marasca, Cris Hammes, Marcela Madalena, Karla Rafaela, Mônica Vian e Kelly Paim. Destaco neste grupo duas pessoas que foram pra lá de especiais: Karla Rafaela, minha colega e amiga! Sempre agradecerei por ter te conhecido e ter tido a oportunidade de te ter como colega e como amiga. Você, com toda certeza, fez meus dias mais alegres, as aulas mais divertidas e as sextas feiras

mais leves. A amizade que construímos nesse tempo, foi apenas o começo de uma linda história. Muito obrigada pela ajuda quando precisei, por me ouvir e me acalmar em tantos momentos. Você é um presente pra mim! Outra pessoa que merece um super agradecimento é a minha querida amiga, colega e cúmplice, Marcela Madalena, que aceitou o desafio de ir comigo entrevistar os casais. Ma, tua força e garra me fizeram maior. Te ter ao meu lado durante o Mestrado me tornou mais otimista e mais sorridente, teu humor e alegria perante as situações sempre acalentaram meu coração. Amiga, muito obrigada por tudo!

Pensando em amigas especiais, preciso agradecer as minhas amigas que sempre estiveram comigo, algumas desde pequeninhas e que em alguns momentos foram esquecidas durante este período de Mestrado. Tais Rosa, minha melhor amiga, que me aguenta desde “pitoquinha” obrigada pela companhia em todos os momentos, pela parceria, por sempre me mostrar o lado bom da vida. Amigas de sábado, de chimarrão (Mika, Nati, Bru, Lúcia, Su) nossa terapia grupal estará retornando as atividades mais do que nunca (hehe)! Amigas de escola (Mi, Tai, Gabi) que foram parceiras de muitas jantas e algumas festas! Obrigada, obrigada, obrigada gurias!

As professoras do Mestrado também contribuíram muito em todo esse processo de construção. A disponibilidade delas desde o início, nas primeiras aulas, durante a construção do projeto, e durante esse tempo todo, tornam elas professoras brilhantes. São professoras que admiro muito, pelo comprometimento, e principalmente pela vontade de ensinar, de passar adiante o conhecimento aprendido. Algumas delas, Elisa, Carol, Silvia, Janine, eu já tinha contato na graduação e ter a oportunidade de tê-las no Mestrado foi demais! Obrigada por tudo.

Agradeço também às professoras da Banca, Silvia, Dorian Mônica e Maria Alexina pela disponibilidade de contribuir com este trabalho e agregar conhecimentos. Muito Obrigada.

Agradeço minha família de coração (Dalva e Cláudio) que me acolheram em sua casa e me ajudaram muito tanto nos momentos de alegria, como nos momentos difíceis. Minha afilhadinha e minha sobrinha que sem saberem da importância que ocupam na minha vida, fazem todo o sentido da palavra AMOR.

Foram muitas pessoas que me ajudaram nessa trajetória. Passei por momentos realmente muito difíceis e pensei em desistir por inúmeras vezes. Foram obstáculos que me desafiaram ao extremo e por muito pouco não desisti. Se estou aqui hoje agradecendo, é porque certamente essas pessoas citadas e outras lembradas seguraram a minha mão e me ajudaram a seguir em frente. São palavras resumidas, e certamente, não cumprem com o significado real da palavra “agradecimento”, pela grandiosidade que essa palavra tem na minha trajetória e na minha vida. Agradecer sempre, esse é meu papel!



## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>10</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>11</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>SEÇÃO I – ARTIGO 1: Violência Conjugal mapeando o fenômeno no RS</b>	<b>15</b>
<b>Resumo</b>	<b>15</b>
<b>Abstract</b>	<b>16</b>
<b>Introdução</b>	<b>17</b>
<b>Método</b>	<b>22</b>
<b>Resultados</b>	<b>25</b>
<b>Discussão</b>	<b>29</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>32</b>
<b>Referências</b>	<b>33</b>
<b>SEÇÃO II – ARTIGO 2: Violência Conjugal: compreendendo o fenômeno</b>	<b>38</b>
<b>Resumo</b>	<b>38</b>
<b>Abstract</b>	<b>39</b>
<b>Introdução</b>	<b>40</b>
<b>Problema de pesquisa</b>	<b>44</b>
<b>Questões Norteadoras</b>	<b>44</b>
<b>Método</b>	<b>44</b>
<b>Resultados</b>	<b>47</b>
<b>Análise Horizontal dos Casos</b>	<b>79</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>81</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO</b>	<b>85</b>

## RESUMO

A violência conjugal é um fenômeno de grande complexidade, que demanda inúmeros olhares em busca de uma maior compreensão. A presente dissertação teve como proposta mapear a violência conjugal no Rio Grande do Sul e compreender a dinâmica de funcionamento conjugal de casais em situação de violência. Para tal, foram realizados dois estudos. O primeiro estudo, quantitativo, foi parte de um projeto maior, intitulado “Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no Rio Grande do Sul” (Edital Pronex/Fapergs/CNPq). Participaram 751 casais, com idades entre 18 e 80 anos, das diferentes regiões geográficas do estado. Para o presente estudo, foram analisados os dados sociodemográficos e da Conflict Tactics Scale (CTS2). Os resultados principais revelaram que a escolaridade, a renda, o tempo de relacionamento e a situação conjugal estiveram associados aos níveis de violência conjugal em suas diferentes dimensões ( $p < 0,05$ ), assim como indicaram a existência de agressões de forma mais mútua e simétrica entre os casais. O segundo estudo foi realizado com o objetivo de compreender a dinâmica de funcionamento de casais em situação de violência foi qualitativo, sendo delineamento de casos múltiplos. Três casais, selecionados do primeiro estudo, participaram de uma entrevista semi-estruturada, a partir da qual foram construídas narrativas dos casos. Os resultados revelaram que a violência esteve presente de diferentes formas (física, sexual e psicológica] nos casais analisados, sendo exercida por ambos os cônjuges. Contatou-se a existência de padrões conjugais que favoreceram o surgimento e a manutenção da violência em seus relacionamentos, remetendo a necessidade de se refletir sobre o acompanhamento psicológico em conjunto do casal nas situações de violência conjugal.

## ABSTRACT

Conjugal violence is a high complex phenomenon that demands many views to become more understandable. This essay has as proposal to map the conjugal violence in Rio Grande do Sul and understand the mechanisms of violent situations of couples. In this proposal two researches were performed. The first one was qualitative. It was part of a bigger Project entitled “Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no Rio Grande do Sul” (Edital Pronex/Fapergs/CNPq). This research had the participation of 751 couples, among 18 and 80 years old, of different geographical areas. For this essay was analyzed socio-demographic data and Conflict Tactics Scale (CTS2) data. The mainly results of the analysis showed that education, income, time of relationship and conjugal situation are directly involved in the levels of conjugal violence in its different dimensions ( $p < 0,05$ ), as they showed the existence of mutual and symmetrical aggressions between couples. The second stage had as objective understand the mechanisms of violent situations of couples, and it was qualitative, taking many cases as a framework. Three couples, selected in the first step, participated in a semi-structured interview and after established narratives about the cases. The results showed that violence was present in different ways (physical, sexual and psychological) in the analyzed couples been execute by both of spouse. It was noted the existence of a conjugal template that favored the maintenance of violence in their relationships, settling the necessity of reflect about the psychological support with couples in a violent situations.

## APRESENTAÇÃO

O tema da violência conjugal é estudado, desde a década de 70, sendo um fenômeno de grande complexidade. A maioria dos estudos realizados sobre a temática traz uma perspectiva preponderantemente unidirecional, apontando índices de violência física, psicológica e sexual pautados pela violência de gênero, em que o homem ocupa o lugar de agressor e a mulher de vítima. Os movimentos feministas foram os responsáveis pela explicitação do fenômeno como algo social e não restrito ao ambiente doméstico (Lamoglia e Minayo, 2009; Narvaz e Koller, 2004; Schraiber *et. al.*, 2005). A partir deles, foram planejadas intervenções e políticas públicas para o acolhimento das mulheres vítimas de violência. Serviços de saúde foram criados para o atendimento destas mulheres e, em 2006, a Lei Maria da Penha, com o objetivo de proteger a mulher de todos os tipos de violência. Ainda que as pesquisas com casos de violência física e sexual graves evidenciem a preponderância dos homens como perpetradores (Johnson, 2011), estudos realizados com população não clínica e abrangendo uma gama maior de tipos de violência, evidenciam que o fenômeno pode se apresentar como mais mútuo e simétrico entre os gêneros (Straus, 2011). Nesse sentido, surge a necessidade de um olhar mais complexo para o fenômeno da violência conjugal.

Não ignorando as contribuições dadas sob a perspectiva de gênero, o referencial sistêmico entende as relações conjugais como um fenômeno interacional. Defende que a compreensão da violência no casal não pode ser reduzida ao entendimento da mulher como vítima e do homem como agressor no relacionamento conjugal. Dessa forma, as relações conjugais passam a ser discutidas a partir dos múltiplos papéis que homens e mulheres desempenham numa relação afetiva violenta (Alvim & Souza, 2005).

Com objetivo de compreender o fenômeno da violência conjugal no Rio Grande do Sul, este estudo utilizou a teoria sistêmica como perspectiva teórica, entendendo a violência

conjugal como um fenômeno interacional no relacionamento do casal. Não são desconsiderados os estudos que abordam a perspectiva de gênero, pois se entende a enorme contribuição destes para a compreensão da complexidade deste fenômeno. Quando forem utilizados como fontes de dados para o estudo, será inclusive mantida a terminologia utilizada pelos seus autores.

O presente estudo é um recorte de um projeto maior intitulado: “O mapeamento das relações conjugais no Rio Grande do Sul”, que envolveu seis universidades do estado (Edital FAPERGS/CNPq n. 008/2009 – PRONEX – Programa de Apoio à Núcleos de Excelência). A coleta de dados foi realizada em todo o Estado a partir de colaboradores (professores pesquisadores, alunos de graduação, mestrado e doutorado) destas universidades. O delineamento utilizado neste estudo foi quantitativo, com o objetivo de mapear as relações conjugais, através de diversos fatores, tais como, satisfação conjugal, resolução de conflitos, entre outros, além de buscar investigar possíveis indicadores de violência conjugal. O recorte aqui apresentado refere-se ao mapeamento da ocorrência de violência conjugal.

Além dos dados quantitativos derivados deste estudo maior, optou-se por aprofundar a compreensão do fenômeno da violência a partir de uma pesquisa qualitativa, com o objetivo de compreender a dinâmica de funcionamento conjugal de casais em situação de violência. A partir dos possíveis indicadores de violência (psicológica, física e sexual) nos casais que participaram do estudo 1, buscou-se conhecer estes casais e compreender a dinâmica de relacionamento deles.

Dessa forma, essa dissertação apresenta-se em duas seções, contempladas por dois artigos empíricos, sendo o primeiro quantitativo e o segundo, qualitativo. A Seção I deste trabalho é composta pelo artigo quantitativo, que traz os resultados da pesquisa realizada no projeto maior sobre a prevalência de violência conjugal no Rio Grande do Sul. A Seção II apresenta um artigo empírico qualitativo, que descreve, através da análise de casos, como

ocorre o fenômeno da violência conjugal a partir do ponto de vista sistêmico. Por fim, são apresentadas as considerações finais da dissertação, referindo as construções e conclusões desenvolvidas ao longo destes dois estudos.

## SEÇÃO I – ARTIGO 1: Violência Conjugal mapeando o fenômeno no RS

### Resumo

Os dados estatísticos sobre violência conjugal costumam ser imprecisos devido a uma série de questões: costumam se referir à violência visível (física ou sexual), negligenciando a psicológica; geralmente são obtidos por dados de delegacias, quando muitos casos nunca chegam a ser denunciados, e baseiam-se, comumente, na visão de apenas um dos parceiros. Este trabalho teve como objetivo mapear os índices de violência conjugal no Rio Grande do Sul, na percepção do sujeito e do companheiro, em relação à presença de indicadores de diferentes tipos de violência conjugal (coerção sexual, agressão física e psicológica). Participaram do estudo 751 casais em um relacionamento estável (69% casados oficialmente e 31% morando juntos), de distintas regiões do RS. A idade variou entre 18 e 80 anos ( $m=40,88/ dp=11,09$ ) e o tempo de união de seis meses a 51 anos ( $m=15$  anos/ $dp=10,42$  anos). Foram utilizados com instrumentos um questionário de dados sociodemográficos e a Conflict Tactics Scale (CTS2). Identificou-se que a escolaridade, a renda e o tempo de relacionamento estiveram associados aos níveis de violência conjugal em suas diferentes dimensões ( $p<0,05$ ). Além disso, casais que moram junto apresentaram índices mais elevados de violência do que os casados oficialmente. Os resultados evidenciaram ainda a existência de agressões de forma mais mútua e simétrica entre os casais, diferentemente do que apontam os tradicionais estudos de gênero. Nesse sentido, esta pesquisa assinala a necessidade de se repensar as intervenções com casais em situação de violência, levando em conta os múltiplos papéis que homens e mulheres desempenham em seus relacionamentos.

**Palavras-Chave:** violência; casal; coerção sexual; violência física; agressão psicológica.

## **Abstract**

Statistical data about conjugal violence use to be imprecise due to many questions: use to refer to a visual violence (physical or sexual), denying psychological violence; usually get in police stations when several cases are not even reported and based commonly at one partner point of view. This essay has as proposal to map the indices of conjugal violence in Rio Grande do Sul, as a person and partner insight in relation to the presence of indicators of different kind of conjugal violence (sexual coercion, physical and psychological aggression). This research had the participation of 751 couples in a serious relationship (69% officially married e 31% living together), of different geographical areas. The age of participants varied between 18 and 80 years old ( $m=40,88/ dp=11,09$ ) and the time of relationship between six months and fifty one years ( $m=15$  years/ $dp=10,42$  years). Were utilized as instruments: a socio-demographic survey and the Conflict Tactics Scale (CTS2). Was noted that education, income, time of relationship and conjugal situation were associated with conjugal violence levels in its different dimensions ( $p<0,05$ ). Also couples that live together showed high scores of violence than the one that are officially married. The results highlights the existence of mutual and symmetrical aggressions between couples, differently from the traditional studies about the subject. This way, this research marks the necessity of rethink about the couple's intervention in a violent situation, considering the part that man and woman play in a relationship

**Key-words:** Violence, Couple, Sexual coercion, Physical violence, psychological violence.



## **Introdução**

A violência conjugal é um sério problema para a saúde pública, pois leva ao aumento da morbidade e da mortalidade (Buvinic, Morrison & Shifter, 2000). Trata-se de um fenômeno complexo que, por longo tempo, permaneceu sendo tratado como uma questão de foro íntimo, restrito ao ambiente familiar. Somente nas últimas décadas é que, a partir de movimentos sociais, a violência conjugal passou a ser entendida como um problema de saúde pública que merece atenção dos profissionais da saúde (Azevedo, 1985; Santos & Costa, 2004).

Pesquisas que enfocam os danos da violência em uma perspectiva de gênero corroboram com achados de Morrison e Biehl (2000) que demonstram que um em cada cinco dias de falta ao trabalho no mundo é causado pela violência sofrida pelas mulheres dentro de suas casas. Esse dado representa uma forte preocupação para o desenvolvimento econômico dos países, pois mulheres que sofrem violência são menos produtivas. Além disso, em nível mundial, pelo menos uma em cada três mulheres já foi espancada, sofreu algum tipo de abuso ou foi coagida sexualmente, sendo o agressor geralmente um membro de sua família, e de 40 a 70% dos homicídios cometidos no mundo são por parceiros íntimos (Day et al, 2003).

Pesquisas que buscam identificar a prevalência dos diferentes tipos de violência foram realizadas em diversos contextos nacionais, enfocando, preponderantemente, a violência contra a mulher (Dantas-Berger e Giffin, 2005; Kronbauer & Meneghel, 2005; Leôncio et al., 2008; Panuzio & DiLillo, 2010; Schraiber et al., 2007). Considerando a realidade atual dos tipos de violência sofridos pelas mulheres, a pesquisa de Schraiber et al (2007), que foi realizada na cidade de São Paulo e Zona da Mata de Pernambuco, indicou a violência psicológica como o tipo mais freqüente na vida das mulheres no último ano, com episódios que não foram únicos para a maioria. Em relação à violência física, os atos mais freqüentes

que apareceram foram tapas e empurrões. Das entrevistadas, 12,4% relataram ameaças ou uso de armas por parceiro em algum momento da vida. Merece destaque o índice dos relatos de violência física grave, que chegou a 91,8% em SP e 92% na Zona da Mata de Pernambuco. A violência sexual, nesta pesquisa, foi a de menor frequência, mas quase sempre acompanhada por outras formas. As mulheres que sofreram esse tipo de violência (82,1% em SP e 71,8% na ZMP) relataram que seus parceiros fizeram uso da força física para manter relações sexuais. Neste estudo, a associação dos três tipos de violência (psicológica, física e sexual) respondeu por aproximadamente 20% dos casos e constituiu-se de situações extremamente graves.

A violência física se destacou no estudo de Leôncio et al. (2008), com 200 mulheres, realizado no Rio de Janeiro, sendo identificada em 44,84%, seguida pela violência verbal (42,15%), pela violência psicológica (8,97%) e pela violência sexual (2,69%). Além disso, os resultados do estudo demonstraram que 76,91% dos casos de violência ocorreram dentro das próprias residências das vítimas, sendo que o motivo desencadeante da agressão, em 44,62% dos casos, foi a recusa do companheiro em relação à separação, outros motivos em 19,96% dos casos e ciúmes em 15,35%. O estudo realizado por Dantas-Berger e Giffin (2005) também aponta para uma predominância de atos de violência física, entretanto, a violência psicológica (sofrimento emocional, afetivo e moral) foi mais recorrente e frequente nas agressões cotidianas. Neste estudo, foram entrevistadas nove mulheres que denunciaram a violência conjugal e eram atendidas num Centro de Atendimento à Mulher, na cidade do Rio de Janeiro.

Já, os resultados da pesquisa de Kronbauer e Meneghel (2005) mostraram que a prevalência do tipo de violência em 207 usuárias de uma Unidade Básica de Saúde de Porto Alegre foi de violência psicológica (55%) que compreende insultos, humilhação, ameaça, entre outros. Em seguida, foi identificada a violência física (38%), sendo perpetrada através de tapas, empurrões, chutes, socos ou uso de arma de fogo, e, por último, a violência sexual

(9%), em que as mulheres foram forçadas a práticas sexuais ou estupradas. A maioria das mulheres (mais da metade da amostra) relatou sofrer mais de um tipo de violência, sendo que 52% sofrem dois tipos de violência associados e 12% relataram sofrer os três tipos de violência concomitantemente.

Um estudo de caráter transversal realizado por pesquisadores de uma Universidade na Holanda, em 2011, apontou que 30,4% das mulheres da amostra tiveram experiências de violência por parceiro íntimo em algum momento de sua vida, sendo que era comum mais do que um tipo de violência concomitantemente (física, psicológica ou sexual). Além disso, as mulheres imigrantes experimentaram mais violência por parceiro íntimo do que as mulheres holandesas (Prosman et al, 2011).

Considerando a violência exercida contra o homem por suas parceiras íntimas um estudo longitudinal quantitativo (Panuzio & DiLillo, 2010) investigou a agressão física, violência psicológica e sexual em casais recém casados e os resultados evidenciaram que as mulheres exerceram mais violência psicológica e física do que os homens. Uma explicação deste dado, segundo os autores, é que a violência exercida pela mulher é minimizada pelos parceiros íntimos e não vista como tal, em função dos danos físicos não serem tão graves e da falta de materialidade da violência psicológica. Estudo que apresenta dados de violência contra o homem revelou que 3% deles são vítimas de violência pela parceira (Hirigoyen, 2006).

Um estudo de caráter retrospectivo realizado na Universidade do Porto, em Portugal, em 2011, analisou casos suspeitos de homens vítimas de violência conjugal que foram observados na Clínica Forense do Departamento de Medicina do Instituto Nacional de Medicina Legal de Portugal de 2007 a 2009. A pesquisa foi realizada através do Banco de Dados do Departamento e foram selecionados os casos de vítimas do sexo masculino com idade mínima de 18 anos. A amostra foi de 535 casos de homens vítimas (11,5%) de um total

de 4646 (homens e mulheres) com suspeitas de violência pelo parceiro. Nesta amostra (535) todos os agressores conjugais eram mulheres, sendo que a situação conjugal dos casais apresentou-se da seguinte maneira: 63,9% eram casados, 21,5% tinham uma união estável, e 3,9% estavam namorando. Os resultados finais apontam que, em 243 casos (81,9%), o abuso ocorreu durante o período entre o primeiro e o quinto ano de coabitação e que, em 81,6% dos casos documentados, havia uma história prévia de violência conjugal. Os mecanismos mais comuns de ataque eram atos pequenos de violência física, que resultava em lesões leves (76,6%), mas as agressoras utilizavam também a violência psicológica com os seus parceiros (Carmo et al, 2011).

Dados internacionais em relação a prevalência de violência nos relacionamentos, apontou que de 22% e 49,5% das mulheres reportaram alguma situação em que sofreram abuso de seus companheiros (Ansara & Hindin, 2009; Jaoko, 2010; Yoshihima & Horrocks, 2010). Analisando-se os dados estatísticos sobre a violência conjugal, é necessário considerar que eles costumam ser subestimados, uma vez que a maioria dos dados estatísticos decorre de casos denunciados ou que chegam aos serviços de atenção à saúde (Alvim & Souza, 2005), enquanto que muitos casos nunca chegam a ser denunciados (Oliveira, Bentancur, Rosa & Falcke, 2009). Isso possivelmente ocorra de forma ainda mais intensa no que diz respeito à violência contra os homens, pois eles apresentam ainda mais dificuldades de confessar a situação que estão vivenciando, além de os dados estatísticos tenderem a descrever predominantemente a violência materializada (física ou sexual), negligenciando a violência psicológica (Hirigoyen, 2006).

Em relação aos instrumentos utilizados nas pesquisas internacionais para verificar o índice de violência nos casais, alguns estudos têm utilizado como instrumento principal a CTS2. Um estudo (Hou et al, 2011) realizado numa cidade da China, em 2011, com 194 casais, utilizou como instrumento a CTS2 para buscar características do relacionamento

conjugal violento e verificar a existência da violência bidirecional no casal. Os resultados apontam que a violência psicológica é predominante (50%) seguida da violência física (20 a 30%) e violência sexual (15% esposas perpetrando, 20% maridos). A frequência de mulheres como agressoras de violência física e sexual foi menor em comparação aos homens, enquanto que a violência psicológica teve mais frequentemente as mulheres como agressoras do que os maridos. Além disso, fica evidente neste estudo que a violência psicológica pode ocorrer sem outros tipos de violência, enquanto que a violência física vem geralmente acompanhada da violência psicológica, e a violência sexual, por sua vez, geralmente vem acompanhada da violência física e psicológica. Portanto, este estudo sinaliza, como possível compreensão para o fenômeno, que a violência no casal é bidirecional, corroborando dados de estudos prévios (Alvim & Souza, 2005; Panuzio & DiLillo, 2010). O estudo realizado por Alvim e Souza (2005) demonstrou que mesmo os participantes que se consideram agressores na relação, também se reconhecem como vítimas de violência física e psicológica, sendo que os agressores foram homens e mulheres. No caso de violência física, tendo como agressor a esposa, observou-se que os homens questionam sua masculinidade, acreditando ser pior a agressão de uma mulher contra um homem, o que faz com que sintam vergonha em denunciar aos órgãos competentes.

Buscando investigar a associação da violência conjugal com outras variáveis sociodemográficas, um estudo realizado na Noruega (Vatnar & Bjokly, 2012) investigou aspectos como idade, duração do relacionamento, existência de filhos, nível de escolaridade, renda, os tipos de violência (física, psicológica e sexual), a intensidade da violência (gravidade, tipo de lesão, frequência, duração, entre outros) e a percepção da violência (estratégias de enfrentamento), através de entrevistas semi estruturadas e do CTS2. A amostra foi composta por 157 mulheres separadas, divorciadas ou casadas. Os resultados apontaram que não houve correlação entre o nível de escolaridade e renda.

Partindo de uma perspectiva sistêmica, o objetivo deste trabalho foi mapear as relações conjugais no Rio Grande do Sul e identificar a prevalência dos diferentes tipos de violência (violência física, agressão psicológica e coerção sexual). Além disso, buscou-se avaliar a existência ou não de associação entre a violência conjugal e as características sociodemográficas dos participantes.

## **Método**

### **4.1 Delineamento**

Trata-se de uma investigação quantitativa com delineamento descritivo.

### **4.2 Participantes**

Responderam a pesquisa 750 casais que estavam em um relacionamento estável, de diferentes níveis sócio-econômico de distintas regiões do RS. Como critérios de inclusão, foi considerado estar casado ou em união estável há, no mínimo, seis meses. A coleta foi realizada através do mapeamento das diferentes regiões do Estado. A partir de então os casais foram contatados por conveniência, sendo solicitado que indicassem outros casais para participar do estudo, o que consistiu em uma amostragem por “bola de neve”.

Os participantes desta amostra foram 750 casais, com idade entre 18 e 80 anos ( $m=40,88/ dp=11,09$ ). Em relação a situação conjugal, 31% dos casais moram juntos e 69% são casados oficialmente. O tempo de união destes casais foram de 4 meses há 51 anos ( $m=15$  anos/ $dp=10,42$  anos). A renda dos casais predominou de 1 a 3 salários mínimos, sendo que obteve-se 49,4% das mulheres com esta renda e 37,8% dos homens. Também se obteve uma predominância na renda de 4 a 6 salários mínimos, sendo 18,8% das mulheres e 27,6% dos homens.

**Tabela 1** – Informações gerais dos participantes

Idade	40,88 (Média)	11,088 (DP)
Tempo de relacionamento	15,76 (Média)	10,41 (DP)
Situação conjugal	Casados oficialmente	68,9%
	Morando juntos	31,1%
Filhos	Tem	78,8%
	Não tem	21,1%
Escolaridade	Sem instrução formal	9,4%
	Fundamental	13,6%
	Médio	39,3%
	Superior	37,6%
Religião	Católica	66%
	Evangélico	13,3%
	Espírita	7,4%
	Protestante	3,5%
	Sem religião	3,6%
	Outra	6,3%
Trabalho	Exerce atividade remunerada	80,4%
	Não exerce atividade remunerada	19,6%

### 4.3 Instrumentos

Este estudo foi desenvolvido por meio de um questionário, formulado a partir dos seguintes instrumentos:

- 1) Levantamento de Dados Sócio-demográficos: destinado a investigar aspectos como a idade, situação conjugal, escolaridade, renda, se já fez terapia e religião, assim como informação sobre os filhos,.
- 2) Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): adaptada para o português por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002) contém, no total, 78 itens que descrevem possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu/sua companheiro/a. Estes formam cinco escalas que representam as seguintes dimensões: 1) violência física; 2) agressão psicológica; 3) coerção sexual; 4) lesão corporal; 5) negociação. A escala foi adaptada, neste estudo, para que o sujeito responda de forma auto-aplicável. Este instrumento foi

utilizado no presente projeto, pois possui um caráter bidirecional, ou seja, a compreensão da violência é avaliada por ambos os cônjuges. No estudo de adaptação para o Brasil não foram apresentados os índices de consistência interna. No presente estudo, o alpha de Cronbach obtido foi 0,819.

#### **4.4 Procedimentos de coleta de dados**

Esta pesquisa faz parte de uma pesquisa maior denominada “Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no Rio Grande do Sul”, que tem como colaboradores seis universidades do estado (Edital FAPERGS/CNPq n. 008/2009 – PRONEX – Programa de Apoio à Núcleos de Excelência). O projeto principal foi submetido ao Comitê de Ética da UFRGS, tendo sido aprovado (parecer nº 2010/011). A equipe de pesquisa esteve constituída por professores de diversas universidades e alunos de graduação, mestrado e doutorado. A coleta de dados foi realizada em todo o estado através destes colaboradores. A partir do mapeamento das diferentes regiões do Estado e da definição do número de casais necessários de cada região para compor uma amostra representativa do Estado, os casais foram selecionados por conveniência através dos contatos dos pesquisadores. Foi marcado um encontro com o casal para aplicação dos questionários, sendo entregue um envelope para cada cônjuge, contendo os questionários e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi explicada a pesquisa e solicitado que assinassem o termo. Os membros do casal respondiam separadamente ao instrumento que era lacrado em um envelope na frente dos sujeitos para que tivessem assegurado o sigilo dos dados. No final de cada questionário, existia a possibilidade das pessoas deixarem seu contato para um futuro contato. Dessa forma, prosseguimos com a coleta qualitativa. Foram identificados os casais com índices mais elevados de violência física, psicológica e sexual, dentre aqueles que haviam deixado o número de telefone ou email, com os quais entramos em contato. O contato telefônico tinha como objetivo lembrar a



pesquisa respondida e convidar o casal para uma entrevista na própria residência deles, ou num outro local que eles sugerissem. Assim, como na coleta quantitativa, eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo informados da pesquisa e do sigilo de informações.

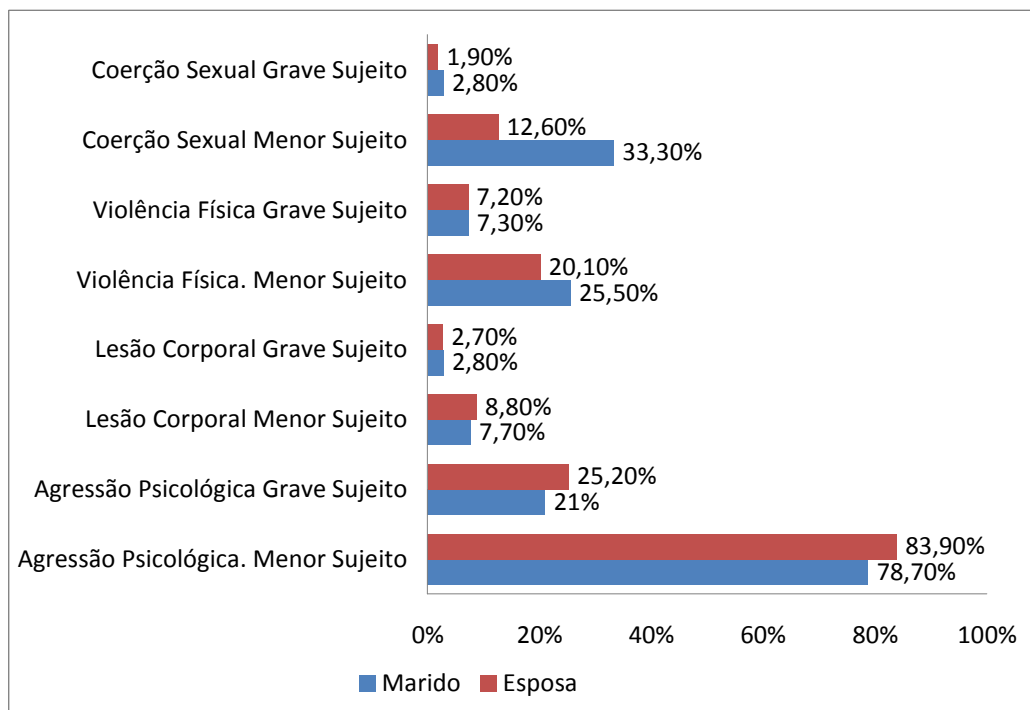
#### **4.5 Procedimentos de análise dos dados**

Após a coleta de dados, as informações foram tabuladas em um banco de dados no SPSS 20.0® (*Statistical Package for Social Science 20.0*). Foram realizadas estatísticas descritivas (para verificar o comportamento das variáveis). A correlação entre idade e violência e o tempo de casamento foi feita através da Correlação de Pearson. A escolaridade e a renda foram analisadas através do Teste Anova, e a comparação pela variável situação conjugal foi realizada através do Teste t.

### **Resultados**

Os resultados da prevalência dos tipos de violência nos relacionamentos, considerando as informações que os participantes forneceram sobre suas próprias atitudes, podem ser analisados na tabela a seguir:

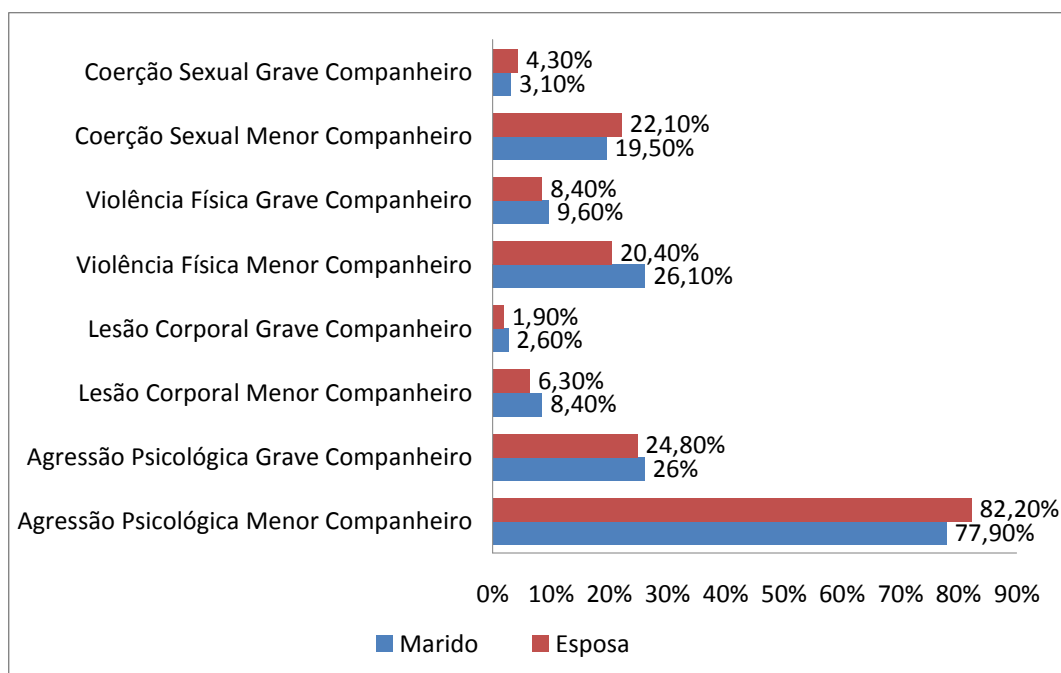
Tabela 1: Porcentagem dos tipos de violência dos Participantes, conforme o sexo



Observa-se que os índices de violência cometidos pelos sujeitos variaram de 1,9% de mulheres que revelaram ter cometido coerção sexual grave até 83,9% de mulheres que reconheceram terem cometido violência psicológica menor. Na comparação entre os sexos, verifica-se que houve diferença significativa na coerção sexual menor ( $p < 0,001$ ), que foi mais cometida pelos homens ( $m=3,75$ ) do que pelas mulheres ( $m=3,26$ ), na agressão psicológica grave ( $p=0,017$ ), que foi mais cometida pelas mulheres ( $m=3,47$ ) do que pelos homens ( $m=3,36$ ) e na agressão psicológica menor ( $p=0,001$ ), também mais cometida pelas mulheres ( $m=8,28$ ) do que pelos homens ( $m=7,84$ ). Não foram observadas diferenças significativas nos dados referentes às dimensões de violência física e lesão corporal.

Considerando a percepção dos sujeitos sobre a violência cometida contra eles pelos parceiros, observa-se que os índices apresentam algumas diferenças em relação ao que foi respondido pelos seus companheiros. O gráfico a seguir apresenta as respostas que consideram a percepção dos participantes como vítimas.

Tabela 2: Porcentagem dos tipos de violência dos Companheiros



Na comparação entre os sexos, considerando a percepção da violência infringida pelo companheiro, não houve diferença significativa na percepção de homens e mulheres em nenhuma das dimensões avaliadas.

Buscando analisar o perfil de casais em situação de violência, foram analisados os dados obtidos pela CTS2 em associação aos dados sócio demográficos. Considerando a variável idade, a análise de Correlação de Pearson evidencio que ela se correlacionou com: Violência Física Menor sujeito ( $r=-0,104$ ;  $p<0,001$ ), Violência Física Menor Companheiro ( $r=-0,067$ ;  $p=0,011$ ), Agressão Psicológica Menor Sujeito ( $r=-0,083$ ;  $p=0,001$ ) e Negociação Companheiro ( $r=-0,054$ ;  $p=0,38$ ). Os resultados revelam que quanto menor a idade do sujeito, maior são os índices desses tipos de violência e de negociação dentro do relacionamento.

Os índices de violência dos casais mostraram-se astante diferenciados ao se considerar a variável escolaridade. Através de ANOVA, verificou-se que a maioria dos tipos de violência apresentaram índices diferenciados conforme a escolaridade dos sujeitos: Coerção sexual

grave do sujeito ( $F=2,644$ ;  $p=0,048$ ), Coerção sexual menor sujeito ( $F=4,461$ ;  $p=0,04$ ); Coerção sexual menor companheiro ( $F=2,919$ ;  $p=0,033$ ); Violência Física grave sujeito ( $F=4,537$ ;  $p=0,004$ ); Violência física grave companheiro ( $F=5,161$ ;  $p=0,001$ ); Violência Física Menor Sujeito ( $F=5,992$ ;  $p<0,001$ ); Violência Física Menor Companheiro ( $F=3,750$ ;  $p=0,011$ ); Lesão Corporal Grave Sujeito ( $F=3,202$ ;  $p=0,023$ ); Lesão Corporal Menor do Sujeito ( $F=3,027$ ;  $p=0,029$ ) e Lesão Corporal Menor do Companheiro ( $F=6,052$ ;  $p<0,001$ ). Através dos resultados, pode-se verificar que quanto maior a escolaridade dos sujeitos, menor foi a ocorrência da violência nos casais.

Para correlacionar a renda com os dados, também foi usada a ANOVA, pois a renda foi questionada através de intervalos de salários mínimos. Observou-se diferença entre os grupos organizados conforme a renda nos seguintes tipos de violência: Coerção Sexual Grave Companheiro ( $F=3,430$ ;  $p=0,008$ ); Violência Física Menor do Sujeito ( $F=3,986$ ;  $p=0,003$ ); Violência Física Menor do Companheiro ( $F=3,220$ ;  $p=0,012$ ); Agressão Psicológica Grave Sujeito ( $F=8,437$ ;  $p<0,001$ ); Agressão Psicológica Grave do Companheiro ( $F=4,987$ ;  $p=0,001$ ), Agressão Psicológica Menor Sujeito ( $F=6,451$ ;  $p<0,001$ ); e Agressão Psicológica Menor do Companheiro ( $F=4,745$ ;  $p=0,001$ ). Observando-se as médias dos grupos, constatou-se que os maiores índices de violência foram obtidos pelos participantes com menor renda (até três salários mínimos) e pelos participantes com renda superior a dez salários mínimos). Dessa forma, pôde-se perceber, através das análises realizadas, que os participantes dos grupos com renda intermediária foram os que apresentaram os menores índices de violência.

Considerando as variáveis relacionadas ao relacionamento conjugal, verifica-se que o tempo de relacionamento também se correlacionou com alguns tipos de violência, tais como: Violência Física Menor do Sujeito ( $r=-0,064$ ;  $p=0,04$ ), Negociação do Sujeito ( $r=-0,076$ ;  $p=0,004$ ) e Negociação do Companheiro ( $r=-0,092$ ;  $p<0,001$ ). Constata-se que quando menor o tempo de casamento dos casais, maior é a violência e maior é a negociação.

Em relação à situação conjugal, através do teste t, verificou-se que houve índices mais elevados de violência nos casais que moram juntos, quando comparados aos que são casados oficialmente, nos tipos de violência: Coerção Sexual Menor do Sujeito ( $t=-2,245$ ;  $p=0,029$ ), Violência Física Menor do Sujeito ( $t=-2,991$ ;  $p<0,001$ ); Violência Física Menor do Companheiro ( $t=-3,319$ ;  $p<0,001$ ), Lesão Corporal Menor do Sujeito ( $t=-3,589$ ;  $p<0,001$ ); Lesão Corporal Menor do Companheiro ( $t=-2,347$ ;  $p=0,019$ ). Pode-se concluir, com esses achados, que os casais que são casados oficialmente apresentam índices menores de violência.

## **Discussão**

Através dos resultados obtidos, pode-se concluir que, considerando tratar-se de uma população não clínica, os índices de violência, que variaram de 1,9% para coerção sexual grave cometida pelas esposas até 83,9% de violência psicológica menor também cometida por elas, evidenciam que a violência está presente em muitos relacionamentos conjugais, sob diferentes formas. Como é comum a ocorrência mútua dos diversos tipos de violência (Panuzio & DiLillo, 2010; Schraiber et al., 2007), pode-se considerar que se trata de um fenômeno complexo que, muitas vezes, não chega a ser denunciado, pela dificuldade dos cônjuges em reconhecer suas interações como violentas (Garcia et al. 2008). A materialidade da violência física e sexual é o que costuma ser levada em conta na ocasião da denúncia, talvez por isso pode ser justificada a preponderância dos homens como agressores, como revelam pesquisas anteriores (Alvim e Souza, 2005).

No presente estudo, ao comparar-se a violência que os homens e mulheres dos casais participantes referem cometer em relação aos seus companheiros, verificou-se que a coerção sexual menor foi significativamente mais cometida por homens do que por mulheres, enquanto que a violência psicológica grave foi significativamente mais cometida por

mulheres. Esses resultados vão ao encontro do que os estudos prévios (Gomes, 2003) a respeito da predominância dos homens como autores de agressão sexual e das mulheres como autoras de violência psicológica. Em relação à violência física grave ou menor, verificou-se que não houve diferença significativa na violência cometida por homens e mulheres, o que pode estar confirmando estudos com população não clínica que evidenciam maior mutualidade e simetria nesse tipo de violência (Straus, 2011).

Considerando a percepção dos participantes sobre a violência cometida contra eles pelos companheiros, na comparação por sexos, não se observou diferença significativa em nenhuma das dimensões, o que remete a um questionamento, uma vez que se constataram diferenças significativas na percepção dos sujeitos como autores em duas dimensões (sexual e psicológica). Na dimensão de coerção sexual menor, os homens (33,3%) referiram cometê-la significativamente mais do que as mulheres (12,6%). No entanto, quando questionados sobre a violência sofrida, os homens (19,5%) não se diferiram das mulheres (22,1%). Percebe-se que os homens se reconhecem mais como autores, se compararmos ao que suas companheiras relatam sobre a violência sofrida, da mesma forma em que se reconhecem como mais vítimas do que suas companheiras se identificam como autoras. Diferentemente, no caso da agressão psicológica maior, que também apresentou diferença significativa na percepção de homens e mulheres quando avaliados como autores, verifica-se que 25,2% das mulheres se reconhecem como autoras e 26% dos homens referem sofrer violência psicológica grave da companheira, enquanto que 21% dos homens dizem cometer agressão psicológica grave e 24,8% das mulheres referem sofrer. Nesse caso, existe uma percepção semelhante dos companheiros quando a mulher é autora e o homem vítima, mas as mulheres se sentem mais vítimas do que os homens se reconhecem como autores. Por não termos conhecimento sobre a realidade de violência do casal, não se pode saber se os homens maximizam a violência ou se as mulheres

minimizam, sendo que não foram identificados estudos prévios que pudessem esclarecer esse fato.

Em relação à variável idade e ao tempo de casamento, identificou-se que houve uma correlação negativa com dimensões da violência e negociação. Esse resultado aponta para uma maior intensidade dos relacionamentos recentes, de pessoas mais jovens, que seriam caracterizados tanto como mais violentos como pela presença de maior negociação. Em termos de ciclo de vida conjugal, pode-se pensar que as etapas iniciais do relacionamento são caracterizadas pela necessidade de um maior ajuste entre as mitologias das famílias de origem e o estabelecimento de uma conjugalidade que integre os modelos de relacionamentos prévios dos cônjuges, o que demanda maior negociação e pode resultar em maior violência quando as estratégias de resolução de conflitos não são funcionais (McGoldrick & Carter, 2005; Falcke, 2003).

A escolaridade foi uma variável que se correlacionou negativamente com a violência, indicando que quanto maior a escolaridade do casal, menor é a violência. Na medida em que as pessoas vão ampliando a sua escolaridade, observa-se uma maior possibilidade de argumentação, o que se reflete em maior capacidade de negociação, e conseqüentemente, menor índice de violência. Nesse sentido, participantes com maiores níveis de escolaridade costumam demonstrar formas mais saudáveis para resolução dos seus conflitos (Mosmann & Falcke, 2012).

Considerando a renda, identificou-se que os casais com menor renda (menos de 3 salários mínimos) ou com maior renda (mais de 10 salários mínimos) apresentaram os maiores índices de violência. Nesse sentido, o presente estudo contraria pesquisas anteriores que descrevem uma correlação negativa entre renda e violência (Kronbauer & Meneghel, 2005). Evidencia-se que a violência se faz presente em diferentes níveis socioeconômicos, ainda que possivelmente seja mais denunciada em níveis socioeconômicos menos

favorecidos, o que leva a uma concepção preconcebida de que ocorra mais violência em populações com menor renda.

Dentre as variáveis do relacionamento conjugal, além do tempo de casamento, observou-se que houve diferença significativa nos índices de violência de casais que são casados oficialmente quando comparados aos casais que moram junto. Os casais que moram junto apresentaram níveis mais elevados de coerção sexual menor, violência física menor e lesão corporal menor. Esse dado evidencia que a oficialização do matrimônio pode ser considerada fator protetivo em relação à violência conjugal. A decisão por apenas morar junto reflete o contexto dos relacionamentos líquidos, conforme descritos por Bauman (2003), que envolvem uma menor consideração pelo outro e sensação de que o vínculo é mais descartável, possivelmente favorecendo a ocorrência de violência.

### **Considerações Finais**

Através do presente estudo, foi possível mapear a ocorrência de violência em casais do Rio Grande do Sul e identificar variáveis sociodemográficas que se mostraram associadas à ocorrência de violência entre os casais. Os achados remetem a existência de agressões de forma mais mútua e simétrica entre os casais, diferentemente do que apontam os tradicionais estudos de gênero. Esse dado insere um questionamento sobre como as políticas públicas e os atuais serviços de saúde estão compreendendo, acolhendo os envolvidos e intervindo nas situações de violência conjugal.

Considerando que os serviços dedicam-se preponderantemente ao acolhimento da vítima e punição do agressor, questiona-se que tipo de atenção está sendo despendida aos homens que se sentem vitimizados por suas parceiras ou mesmo às mulheres que utilizam a violência como tentativa de resolução de seus conflitos. Compreendendo que homens e



mulheres podem assumir diferentes papéis no relacionamento conjugal, fugindo da dicotomia entre vítima e agressor, atenta-se para o fato de que os profissionais da saúde devem estar abertos e preparados para entender a diversidade de possibilidades de expressão da violência entre casais. Somente com esse olhar será possível favorecer com que todas as formas de violência sejam reconhecidas e denunciadas, contribuindo para a diminuição dos índices de subnotificação, pois, se os dados de violência contra a mulher muitas vezes não chegam a ser denunciados, os índices de violência contra o homem parecem ser ainda mais imprecisos

Levando em conta as demais variáveis sociodemográficas, identifica-se os casais com menores níveis de escolaridade, os anos iniciais do casamento e a coabitação como fatores de risco para uma maior ocorrência de violência conjugal. Neste sentido, estratégias de intervenção devem ser pensadas com a finalidade de favorecer com que os casais, especialmente os mais jovens, desenvolvam um contrato de relacionamento claro e coerente, que contemple estratégias de resolução de conflitos saudáveis, envolvendo a escuta ativa, a busca pela compreensão e disponibilidade para chegar a um acordo através do diálogo.

Este estudo contribui com a identificação de variáveis que possam estar associadas a ocorrência de violência conjugal, mas, sem dúvida, não esgota a discussão. Muitas lacunas ainda precisam ser preenchidas na busca pela compreensão do contexto de casais em situação de violência, o que pode ser visualizado em termos de futuros estudos qualitativos, que possam contribuir para um entendimento mais aprofundado do fenômeno.

## **Referências**

Alvim, S. F. & Souza, L. de (2005). *Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores*. Psicologia: Teoria e Prática, 7(2), pp. 171-206.

Ansara, D. L., & Hindin, M. J. (2009). *Perpetration of Intimate Partner Aggression by Men and Women in the Philippines: Prevalence and Associated Factors*. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(9), 1579-1590.

Azevedo, M. A. (1985) *Mulheres espancadas: a violência denunciada*. São Paulo: Cortez.

Bauman, Z. (2003). *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Buvinic, M.; Morrison, A. & Shifter, M. *Violência nas Américas: um plano de ação*. (2000). In: Morrison, A. & Biehl, M. L. Ed(s). *A família ameaçada. Violência doméstica nas Américas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, pg 19-48.

Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Carmo, R.; Grams, A. & Magalhães, T. (2011). *Men as victims of intimate partner violence*. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 18, 355-259.

Colossi, P. M. (2012). *Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil.

Dantas-Berger, S. M. & Giffin, K. (2005). *A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?* *Cad. Saúde Pública*, 21(2), pp.417-425.

Day et al (2003). *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*. *R. Psiquiatr.* 25(1), pp. 9-21.

Falcke, D. (2003). *Águas Passadas Não Movem Moinhos? As Experiências na Família de Origem como Preditores da Qualidade do Relacionamento Conjugal*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, Brasil.

Falcke, D.; Oliveira, D. Z.; Rosa, L. W.; Bentancur, M. (2009). *Violência conjugal: um fenômeno interacional*. *Contextos Clínicos*, 2 (2), 81-90.

- Garcia, M. V.; Ribeiro, L. A.; Jorge, M. T.; Pereira, G. R. & Resende, A. P. (2008). *Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Cad. Saúde Pública, 24(11), 2551-2563.*
- Hirigoyen, M. F. (2006). *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Jaoko, J. (2010). *Correlates of wife abuse in the Maseno and Nairobi areas of Kenya. International Social Work, 53(1), 9-18.*
- Hou, J.; Yu, L.; Ting, S. R.; Sze, Y. T. & Fang, X. (2011). *The Status and Characteristics of Couple Violence in China. Journal Fam. Viol. Vol. 26, 81-92.*
- Johnson, M. P. (2011). *Gender and types of intimate partner violence: A response to an anti-feminist literature review. Aggression and Violent Behavior, 16(4), 289-296.*
- Kronbauer, J. F. D. & Meneghel, S. N. (2005). *Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. Revista de Saúde Pública, 39(5), pp 695-701.*
- Lamoglia, C. V. A. & Minayo, M. C. S. (2009). *Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. Ciência & Saúde Coletiva, 14(2), 595-604.*
- Leôncio, K. L., Baldo, P. L., João, V. M. & Biffi, R. G. (2008). *O perfil de mulheres vitimizadas e de seus agressores. Rev. Enferm., 16(3), pp. 307-312.*
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. (2002). *Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. Cadernos de Saúde Pública, 18 (1), 163-176.*
- Morrison, A. & Biehl, M. L. (2000). *A família ameaçada. Violência doméstica nas Américas. Banco Interamericano de Desenvolvimento. Fundação Getúlio Vargas. Editora FGV, Rio de Janeiro.*

- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). *Conflitos Conjugais: motivos e frequência*. Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, 12 (2), 5-16.
- Narvaz, M.G., & Koller, S.H. (2004). *Famílias, gêneros e violências: Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero*. In: M.N. STREY, M.P.R. de Azambuja, F. P. Jaeger (eds.). *Violência, gênero e políticas públicas*. Coleção Gênero e Contemporaneidade. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 149-176.
- Panuzio, J. & DiLillo, D. (2010). *Physical, psychological, and sexual intimate partner aggression among newlywed couples: longitudinal prediction of marital satisfaction*. J. Fam. Viol. (25), pp. 689-699.
- Prosman, G. J.; Jansen, S. J. C.; Wong, S. H. L. F & Lagro-Janssen, A. L. M. (2011). *Prevalence of intimate partner violence among migrant and native women attending general practice and the association between intimate partner violence and depression*. Family Practice, v. 28, pp. 267-271.
- Santos, L.V.; Costa, L.F. 2004. *Avaliação da dinâmica conjugal violenta e sua repercussão sobre os filhos*. Psicologia: Teoria e Prática, **6**: 57-72.
- Schraiber, L. B. et al. (2007). *Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil*. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 41, n. 5.
- Straus, M. A. (2011). *Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: Empirical evidence and implications for prevention and treatment*. Aggression and Violent Behavior, 16(4), 279-288.
- Vatnar, S. K. B. & Bjokly, S. (2012) *Does Separation or Divorce Make any Difference? An Interactional Perspective on Intimate Partner Violence with Focus on Marital Status*. Journal Fam. Viol., 27, 45-54.

Yoshihima, M., & Horrocks, J. (2010). *Risk of intimate partner violence: Role of childhood sexual abuse and sexual initiation in women in Japan*. *Children and Youth Services Review*, 32(1), 28-37.

## **SEÇÃO II – ARTIGO 2: Violência Conjugal: compreendendo o fenômeno**

### **Resumo**

A complexidade do fenômeno da violência conjugal revela a necessidade de investigações que se dediquem a analisar as especificidades da dinâmica de funcionamento de casais que apresentam diferentes formas de agressão (física, sexual ou psicológica) em seus relacionamentos. Com tal objetivo, foi realizado o presente estudo que contou com a participação de três casais, com idades entre 30 e 45 anos, residentes na região metropolitana de Porto Alegre. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, buscando investigar a história da família de origem e do relacionamento conjugal, bem como os padrões de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos que os cônjuges experienciam em seus relacionamentos. A partir das entrevistas, foram construídas narrativas dos casos analisados. Os resultados revelaram que a violência se fez presente sob diferentes formas nos casais analisados, sendo exercida por ambos os parceiros. Nestes três casais, foram observados padrões de repetição de agressão vivenciados nas famílias de origem e a violência emergia nas situações em que os cônjuges se sentiam incapazes de resolver seus conflitos de outra maneira. Observou-se a existência de padrões conjugais que favoreciam a eclosão e a perpetuação da violência em seus relacionamentos, levando a identificar a necessidade do acompanhamento do casal nas situações de violência conjugal.

**Palavras-Chave:** Violência. Casal. Relacionamento conjugal. Família de origem.

## **Abstract**

The complexity phenomenon of the conjugal violence expose the necessity of investigations that examine and analyses the mechanism dynamics of couples who show different forms of abuse (physical, sexual or psychological) in their relationships. With this purpose, was performed this study that counted with the participation of three couples, among 30 and 45 years old who live in the metropolitan region of Porto Alegre. Semi-structured interview were performance, searching to investigate the history of the family, the origin and the conjugal relationship as well as the communication templates and the solve conflict strategies that the spouse experiencing in their relationships. From the interviews, were established narratives about the analyzed cases. The results showed that violence was present in different forms in couples analyzed, being exerted by both partners. These three couples were observed repeating patterns of aggression experienced in families of origin and violence emerged in situations where the spouses felt unable to resolve their conflicts otherwise. Was observed the existence of conjugal patterns that favored the hatching and perpetuation of violence in their relationship, settling the necessity of accompaniment of these couples in violent conjugal situation.

**Key-words:** Violence. Couple. Marital relationship. Family-of-origin.

## **Introdução**

A conceitualização da violência conjugal envolve uma ampla e complexa gama de significados, considerando as inúmeras possibilidades de expressão que ela assume nos relacionamentos. Em sentido amplo, a violência conjugal inclui atos de agressão física, assédio psicológico, atos sexuais forçados e outros tipos de comportamento, como por exemplo, isolar uma pessoa do convívio social ou da família ou limitar o acesso dela para pedir ajuda (Santos & Costa, 2004). Ela pode ocorrer em casais de todas as idades, etnias e classes sociais (Lamoglia & Minayo, 2009).

Algumas terminologias são utilizadas para descrever o fenômeno da violência que ocorre nos relacionamentos conjugais. Os movimentos feministas questionaram a utilização da expressão violência conjugal, por ser generalista e pressupor agressões mútuas. A proposta foi de utilização de nomenclaturas como “violência contra a mulher ou violência de gênero”, enfatizando a idéia da mulher como vítima e do homem como agressor, numa perspectiva unidirecional de violência (Falcke & Feres-Carneiro, 2011). Para fins desse trabalho, optou-se por utilizar a expressão violência conjugal, não no sentido generalista, nem pressupondo agressões mútuas, mas entendendo o fenômeno como intrínseco a conjugalidade, em uma perspectiva relacional. No entanto, é preciso considerar que, embora este estudo tenha como base a abordagem sistêmica, serão citados autores que trabalham com uma perspectiva de gênero, sendo referidos os termos da maneira como são citados nos artigos publicados, pois não é possível desconsiderar a relevância dos estudos realizados nessa abordagem.

Ao analisar a violência conjugal, verifica-se que se trata de um fenômeno complexo e multideterminado. Diversos fatores são considerados como de risco para a ocorrência da violência entre os casais, dentre eles a experiência de violência sofrida na infância, tanto



como vítima direta quanto nos casos em que se testemunha agressão entre os pais (Wareham, Boots & Chavez, 2009; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Delson e Margolin, 2004). O estudo realizado por Pournaghash-Tehrani e Feizabadi (2009) delineou a previsibilidade de ocorrência de violência física e psicológica, indicando que pessoas que sofreram ou testemunharam violência em sua família são mais propensas a exercer violência no seu casamento, comparadas com aquelas que não experimentaram.

Sendo a repetição do modelo parental violento um fator que parece contribuir para a manutenção de uma relação conjugal conflituosa, torna-se fundamental compreender a questão da transgeracionalidade nos casais em situação de violência conjugal. Segundo Falcke e Féres-Carneiro (2011), as experiências na família de origem influenciam a escolha do companheiro e o tipo de relacionamento que o casal constrói. A exposição precoce à experiências de violência na família de origem foi correlacionada com a violência conjugal em um estudo que comparou dois grupos (Jin, Eagle & Yoshioka, 2007), um de imigrantes chineses que agrediram suas parceiras e haviam sido encaminhados para o tribunal e outro de imigrantes chineses que não relataram episódios de violência no último ano.

A família de origem, neste sentido, parece exercer uma forte influência nos relacionamentos conjugais. Entretanto, a violência na família de origem não é um fator determinante para a violência conjugal (Delson & Margolin, 2004). Isso significa que nem todos os indivíduos que tiveram experiências de violência na família de origem serão violentos em seus relacionamentos íntimos e nem todos os sujeitos que praticam violência possuem uma história de violência na família de origem (Wareham, Boots & Chavez, 2009). Um estudo de base populacional (1615 casais) realizado na Universidade de Texas, em 2009, concluiu que os homens que experienciaram abuso na sua infância são quatro vezes mais

propensos a cometer violência conjugal na vida adulta em comparação a homens que não tiveram essa experiência. Nesta pesquisa, as mulheres que tiveram experiência de abuso na infância também estiveram mais propensas na vida adulta a perpetrar a violência ou ser vítima (Mckinney et al, 2009).

Além das experiências na família de origem, características de personalidade dos cônjuges também estiveram associadas a uma maior possibilidade de envolvimento em situações de violência conjugal. O estudo realizado por Stith et al (2011) buscou compreender os relacionamentos violentos a partir de um modelo que incluía fatores, como vulnerabilidades, estressores e adaptações nos casais. Através de entrevistas, os autores constataram que a personalidade exerce uma forte influência nos relacionamentos e que alguns traços, tais como impulsividade e agressividade, geram um aumento do estresse e podem predizer a violência física. Além disso, características relacionais como, por exemplo, dificuldades de comunicação e de resolução de conflitos também têm um impacto no relacionamento e podem influenciar negativamente para a ocorrência de violência.

Reforçando os fatores citados acima que contribuem para a construção e manutenção de uma relação violenta, Day et. al. (2003) destacam a repetição do modelo parental violento, vivências infantis de maltrato, negligência, abandono e abuso sexual, casamento como forma de fugir da família de origem, sintomas depressivos, se sentir responsável pelo comportamento agressivo do companheiro e ausência de uma rede de apoio eficaz. Esses são alguns dos fatores a serem considerados na compreensão da violência conjugal, fenômeno que exige um olhar abrangente e contextual quando se tenta compreender suas origens ou significados, assim como os processos que favorecem a sua manutenção e perpetuação.

Na tentativa de elucidar os processos de manutenção dos vínculos violentos, Walker, já em 1979, desvela o ciclo de violência. Segundo a autora, ele compreende três fases: a primeira fase é a Construção da Tensão, quando surgem os primeiros incidentes, mas estão ainda sob controle e são aceitos. A segunda fase é a da Tensão Máxima, quando existe uma perda do controle e ocorrem as situações de agressões. A terceira e última fase corresponde a Lua de Mel, que se dá no momento de arrependimento, promessas de mudanças e restabelecimento da relação conjugal (Falcke & Feres Carneiro, 2011). O ciclo proposto caracteriza a violência conjugal como um processo cíclico, progressivo e relacional.

A partir de uma perspectiva tradicional de gênero, a violência nos relacionamentos conjugais é entendida como unidirecional, posicionando fixamente de um lado a vítima (mulher) que se mostra como uma pessoa frágil e que precisa de proteção e, de outro lado, o agressor (homem) que deve ser punido (Guimarães, Maciel & Silva, 2007). Ainda são poucos os estudos que compreendem o fenômeno da violência conjugal como sendo interacional, considerando a dinâmica do relacionamento conjugal violenta como sendo responsabilidade de ambos os cônjuges (Falcke, Oliveira, Rosa & Bentancur, 2009). Além disso, por um olhar sistêmico, todos os envolvidos no contexto de violência conjugal sofrem conseqüências, o que significa que homens e mulheres são influenciados pelo contexto em que estão inseridos, assim como os filhos também sofrem nessas situações, mesmo que envolvidos passivamente (Santos & Costa, 2004).

Homens e mulheres agredem e são agredidos, por isso se faz necessário o entendimento de como se constrói um relacionamento violento e quais os fatores que influenciam na sua manutenção. Além disso, poucas pesquisas são realizadas com o objetivo de compreender as características relacionais em situação de violência. Sendo assim, partindo

de uma perspectiva sistêmica, o objetivo deste trabalho é compreender em profundidade a dinâmica do relacionamento conjugal de casais em situação de violência. Mais especificamente, conhecer as experiências na família de origem e a história do relacionamento conjugal, bem como os padrões de comunicação e de resolução de conflitos que experienciam em seu relacionamento.

### **Problema de pesquisa**

Como se caracteriza a dinâmica de funcionamento conjugal de casais em situação de violência?

### **Questões Norteadoras**

Quais foram as experiências na família de origem vivenciadas pelos participantes?

Como o casal narra a história do relacionamento conjugal?

Quais são os padrões de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos que os casais experienciam em seus relacionamentos?

## **Método**

### **4.1 Delineamento**

Trata-se de uma investigação qualitativa que surgiu a partir de um estudo quantitativo prévio que possibilitou identificar casais em situação de violência conjugal. O delineamento utilizado para o presente estudo é o Estudo de Casos Múltiplos (Yin, 2005).

### **4.2 Participantes**

Participaram deste estudo três casais com as características descritas na tabela a seguir:

Tabela 2: Caracterização dos participantes

Casal	Nome	Idade	Escolaridade	Profissão	Nome dos filhos	Idade dos filhos
1	Ana	30	Ensino Médio	Técnica de enfermagem	Pedro	13
	André	35	Ensino Médio	Eletricista	Paula	4
2	Laura	37	Ensino Superior Incompleto	Dona de casa	Léo <sup>1</sup>	17
	Lucas	39	Ensino Médio	Mestre de obras	Leonel	4
3	Bianca	45	Ensino Superior	Professora	Bia	10
	Bruno	40	Ensino Superior	Segurança do Trabalho		

### 4.3 Instrumentos

Este estudo foi desenvolvido através de:

1) Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): adaptada para o português por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002) contém, no total, 78 itens que descrevem possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu/sua companheiro/a. Estes formam cinco escalas que representam as seguintes dimensões: 1) violência física; 2) agressão psicológica; 3) coerção sexual; 4) lesão corporal; 5) negociação. A escala foi adaptada, neste estudo, para que o sujeito responda de forma auto-aplicável. Este instrumento foi utilizado no presente projeto, pois possui um caráter bidirecional, ou seja, a compreensão da violência é avaliada por ambos os cônjuges.

2) Entrevista semiestruturada: foi feita uma entrevista com cada casal para compreender a dinâmica de relacionamento que eles estabelecem e investigar as experiências na família de origem. Na entrevista semiestruturada foram investigados aspectos do

---

<sup>1</sup> Laura e Lucas tinham um filho mais velho, que estaria com 20 anos, mas que faleceu há três anos, em função de um acidente de carro.

relacionamento conjugal (início, história do relacionamento, namoro, decisões tomadas), da dinâmica e estrutura conjugal (papéis, fronteiras e hierarquia), além dos padrões de comunicação e de resolução de conflitos que experienciam em seu relacionamento. Outro aspecto que investigado na entrevista foi as experiências na família de origem de ambos os companheiros.

#### **4.4 Procedimentos de coleta de dados**

Os casais deste estudo foram selecionados aleatoriamente dentre os casais com indicadores de violência identificados a partir de um estudo anterior, quantitativo, que buscou mapear as relações conjugais no Rio Grande do Sul, através da CTS2. Após a identificação dos casais, buscou-se realizar uma entrevista com os mesmos com a finalidade de compreender melhor a dinâmica conjugal de casais em situação de violência, podendo esta violência ser física, sexual ou psicológica. Este estudo qualitativo foi enviado ao comitê de ética da Unisinos, aprovado sob o parecer 12/031. após aprovação do comitê de ética, foi realizado um contato com os casais que aceitaram participar deste momento do estudo. Àqueles casais que demonstraram interesse em participar desta etapa da pesquisa, foi marcado um encontro para a realização das entrevistas em local escolhido pelos participantes. A participação das pessoas foi voluntária, sendo que, para participar da pesquisa, foi necessário a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, a entrevista foi gravada e transcrita.

#### **4.5 Procedimentos de análise dos dados**

Os casos foram analisados em profundidade através da Síntese de Casos Cruzados (Yin, 2005). Primeiramente, foi feita uma análise vertical de cada um dos casos, e depois foi realizada uma análise horizontal de forma que as informações de cada casal se cruzassem e pudessem ser analisados com profundidade os resultados semelhantes e contrastantes dos casos estudados. O genograma foi compreendido através de uma análise qualitativa dos dados colhidos no momento da realização.

## **Resultados**

### **Casal 1 - Ana e André**

Os dados sobre violência conjugal, mensurados através da CTS2, apresentam divergências em relação a percepção que cada um tem de si e do outro. Quanto à violência física, Ana afirma que já empurrou e já foi empurrada pelo marido, mas André afirma que foi empurrado, mas nunca a empurrou. André refere ter sofrido violência física da sua companheira, como, por exemplo, tapas, enquanto que Ana assume já ter dado um tapa em algum momento em André, mas revela ter sido jogada contra a parede com força ou mesmo ter sido segurada com força pelo marido. Além disso, ela também refere que em algum momento já jogou algo no companheiro

Os dois também não concordam em relação aos episódios de violência psicológica, como xingamentos, por exemplo. André afirma que nunca insultou Ana, mas que já foi insultado e ela relata que os xingamentos do marido são frequentes e dela pra ele aconteceram somente em alguns momentos. Além disso, André refere que sua esposa em algum momento já o acusou de ser “ruim de cama” e, em outros momentos, fez coisas para ofendê-lo. Ana

reconhece já ter falado ao marido que ele era “ruim de cama”, porém ressalta que os berros e gritos, quando aconteceram, foram tanto da parte dela quanto da parte do marido.

A violência patrimonial também é reconhecida pelo casal. André afirma que já quebrou em algum momento algo pessoal da sua companheira e já teve algo seu quebrado e Ana refere nunca ter quebrado nada do marido, mas já ter, em algum momento, algum objeto seu quebrado.

Com relação à coerção sexual, André relata que, em algum momento, insistiu em fazer sexo com sua esposa, mas sem a utilização de força física. Observa-se, através deste instrumento, que diferentes tipos de violência aparecem concomitantes no cotidiano do casal.

### **História do Relacionamento Conjugal**

Ana e André se conheceram há 16 anos, por intermédio da namorada de André na época, que era colega de escola de Ana. Segundo Ana, “ele namorava uma amiga minha e eu namorava o irmão da amiga dele”. Ana relatou que, em um primeiro momento, não gostava de André: “Era uma criatura que eu tinha pavor! Tá, porque passava de carro, mexia, falava besteira com o carro cheio de mulher. Tinha carro, era metidinho a playboy”. Todavia, disse que acabou se interessando por ele quando pegou uma carona, após muita insistência dele. Relatou que, neste dia, descobriram que faziam aniversário no mesmo dia, sendo ele cinco anos mais velho. Foi também neste dia que André a beijou e eles passaram a ficar juntos. Logo depois André terminou com a amiga dela e ela com o namorado que tinha na época, que segundo ela “o outro que eu namorava também não era flor que se cheire”. A partir daí os dois assumiram realmente o namoro e um ano e meio depois noivaram, logo que Ana engravidou. Ana relatou que, quando engravidou, seu pai foi o primeiro a saber, pois ele é militar e o



exame foi feito no local de trabalho dele. Disse que ele falou que não era o que ele esperava dela, que queria que ela estudasse, mas a apoiou. André comenta que a reação da mãe dela foi diferente, pois logo lhe cobrou: “vamos ver agora se ele vai ser homem pra assumir”.

Ana refere que, no início do relacionamento, “era 100% amor, era as mil maravilhas, era bilhetezinho no carro, eram cartinhas todos os dias, um bilhetezinho ali, outro bilhetezinho aqui, e eu te amo, e eu isso e eu aquilo”, mas depois, com a rotina, ficou tudo diferente. Ana comenta que sempre sentiu muito ciúmes de André, desde o início do relacionamento, mas que se intensificou quando ela engravidou. Refere: “eu sempre fui uma criatura, digamos assim, meio bipolar, não sou uma pessoa que possa falar mal dele, porque também sou meio estressada. Eu era doente de ciúmes dele, eu corria léguas atrás dele pra saber onde é que ele andava”. Os dois contaram que ela já foi até o trabalho dele, só para confirmar se ele realmente estava lá. Ela conta: “eu era doente, amiga, doente de cheirar roupa, pegar carteira, olhar celular”. André concorda e acrescenta: “até hoje a Ana pode querer me ter pela costas, se eu olhar pra qualquer coisa na rua que não seja ela, qualquer coisa eu digo assim: mulher, carro, roupa, roda, calçado”. No entanto, Ana retruca dizendo que André costuma olhar muito é para as mulheres na rua e pode-se observar o tom agressivo de sua voz, quando fala desta questão do ciúmes, já que este assunto também foi por muito tempo motivo de discussão e intriga entre o casal.

Os dois estão morando juntos há aproximadamente 14 anos, na mesma casa que construíram na época. Segundo Ana, como ela estava grávida, os dois fizeram tudo “às pressas”. Na época, com 18 anos, ela relata que viveu uma etapa bastante difícil, pois passou a ter que cuidar de uma casa e saiu do seu emprego. Desta primeira gravidez nasceu Pedro, hoje com 13 anos. Nos primeiros dois anos do filho, Ana trabalhava apenas em casa e depois

resolveu estudar para ser técnica de enfermagem. Conta que André a apoiou e ajudou a pagar o curso. Ele comenta que incentivou e que hoje Ana se mostra uma profissional bastante capaz.

Ana conta que se dedicava muito à família e que “o meu amor, era algo incondicional pelo André, ele era um homem insubstituível pra mim, não existia outra pessoa no mundo, por isso me isolei, era ele e eu, podia acabar o resto (...) até o Seu André começar naquelas coisinhas de apronta aqui, apronta ali, inventava uma historinha aqui, outra historinha ali, ai um dia eu ligo pra ele e ele, ‘ah não sei o que, eu tô no trabalho’, mas ai eu ouço voz de mulher. Ana disse que por isso sempre sentiu ciúmes dele, porque desde o início do namoro haviam histórias mal explicadas. Ana relatou inclusive uma situação em que André começou a mandar mensagens e ligar para uma amiga dela, dizendo “Ah, porque eu morro de tesão por ti”, que queria sair com ela, mas esta amiga acabou contanto a situação para Ana. Observa-se a mágoa de Ana quando fala sobre isso. André, neste momento, ignora o que Ana está falando, não prestando atenção ou fazendo caretas, o que evidencia uma desvalorização dos sentimentos da companheira..

André, mostrando-se incomodado com as declarações de Ana, chega a sair da sala de vez em quando. Também incomodada, Ana, em um momento, cobra ele “Porque que tu não tá aqui sentado bonitinho ouvindo a conversa?” Em um outro momento, André pega uma faca, e começa a cortar uma fruta, que não come. Neste momento, pode-se observar muita agressividade da parte de André. Ele usava a faca com força, com uma expressão de raiva, batia com a faca na mesa enquanto cortava a fruta, demonstrando estar muito incomodado com o que estava sendo dito. O clima, no ambiente, fica muito tenso, dando a impressão de que André poderia a qualquer momento perder o controle e tomar alguma atitude mais

violenta. Ana percebe a situação e, depois de um tempo, retira a faca da mão dele, dizendo que ele não precisava disso.

Depois dos episódios de traição, em especial a situação com a amiga dela, em 2002, Ana relata que pediu para ele sair de casa e ele ficou uma semana fora, mas no aniversário do filho ele resolveu dormir lá e nunca mais foi embora. Ana disse que esta situação com a amiga se repetiu depois com outras pessoas. Ela comenta: “ai tu vai levando, vai deixando acontecer, porque a gente se gosta, a gente se ama, porque eu fiz por impulso, porque não vai acontecer mais, ai quando acontece pela segunda vez, tu fica mais nervosa ainda, mas tudo bem, tu aceita, ai na terceira vez tu fica meia assim, mas vai levando, e o Seu André morrendo de ciúmes porque eu mais trabalhava do que ficava em casa, e como eu recebia hora extra pra mim era bom. Ai eu trabalhava, três, quatro, seis, sete, dez noites a fio”.

Ana relata que os dois já chegaram a decidir se divorciar, mas que depois que consultaram um advogado e que ele explicou como seria a partilha, André disse que queria ficar com ela. Segundo Ana, ele disse: “porque tu é o amor da minha vida”, mas ela acredita que isso aconteceu porque ele não queria dividir o terreno. Mesmo assim, os dois optaram por permanecer juntos na ocasião. Depois de um tempo, Ana disse que André foi sozinho ao advogado e, sem avisá-la, deu entrada nos papéis de divórcio e que ela só ficou sabendo quando recebeu estes papéis em sua casa. Ana revela que os dois moram juntos, mas continuam na mesma situação da última separação, pois, segundo ela, “independente do que ele disser, não acredito nas coisas que ele diga, eu não acredito mais, mas não terminei a história do nosso relacionamento. Nos fomos pra primeira audiência, e no dia da primeira audiência cada um foi com o seu carro. Não foi comentado nada mas, naquela noite, o Seu André ficou deitado na mesma cama que eu, passando a mão e querendo transar, e eu olhei

pra ele e disse ‘de jeito nenhum, eu não quero’. Nós tínhamos a primeira audiência no dia seguinte, então eu disse: ‘não, não quero, não tô com cabeça, não tô com a mínima vontade’”. No dia da audiência, cada um foi com o seu carro e o seu advogado e Ana refere-se que sentiu-se muito mal: “Questionou inclusive uma coisa de uma maneira vulgar, tipo: ‘Ah, ela trabalha durante a noite?’ O homem falou que só imaginam que quem trabalha de noite é puta, né? Não imaginam o enfermeiro, o médico, o psicólogo, ou alguém trabalhando durante a noite, porque quem trabalha de noite é puta. Tudo bem, eu fiquei quieta, saímos dali, a gente veio pra casa, não trocamos uma palavra sobre o que aconteceu ali, deu um prazo de seis meses se eu não me engano pra próxima audiência, mas a gente morando junto debaixo do mesmo teto, dormindo na mesma cama, eu logo apareci grávida.” Ana comenta que André ignorou sua gravidez, mas quando Paula nasceu ele disse que queria ver a filha crescer e os dois deixaram de lado a ideia da separação. Paula está, no momento, com quatro anos. Observa-se que a gravidez acaba sendo também uma maneira de manter o casal unido e o foco deixa de ser a relação e passa a ser os filhos.

Ana comenta que os dois também já fizeram terapia de casal e que um dia André “surtou” na psiquiatra e que, depois disso, a psiquiatra disse que ela deveria se separar dele. André disse ter surtado porque ela sempre se atrasava para atendê-los. Pelos relatos feitos na entrevista, fica evidente o descontrole de André perante as situações de contrariedade e a dificuldade do casal de resolver conflitos de uma maneira saudável. A maneira como ele fala e o comportamento dele demonstra irritação ao que está sendo dito. Por muitos momentos, ele ficou muito irritado e percebia-se o comportamento da esposa que fazia caretas atrás dele, ou falava baixinho pra ele não ouvir, principalmente quando se referia a traições e algum

comportamento violento. Nesse sentido, Ana também desvalorizava a posição de André, buscando aliar-se às entrevistadoras e menosprezando a fala do companheiro.

André relatou que os motivos de suas brigas com Ana foram porque ela queria sempre deixar o filho dos dois, Pedro, com a mãe dela e nunca com os pais dele. “Vocês querem ver uma coisa é o meu filho brigando comigo, porque eu sou um estúpido, porque eu sou isso, porque eu sou aquilo, tudo bem, mas eu tô fazendo um tratamento há quase um ano”. Ele continuou dizendo: “A Ana perde o humor dela, hoje ela me ama, me abraça e me beija, amanhã ela quer ver o diabo e não eu. Ai é complicado né, mas eu tenho defeito e um monte, bah, eu eu tenho defeito de monte, mas eu sempre gostei muito da Ana, sempre, independente das caretas que ela faz e tá fazendo agora, eu sempre gostei bastante dela”. Neste momento os dois começam a discutir, pois André diz que deixou de fazer coisas por ela e ela retruca: “e o principal que era pra ter feito não fez, que era ter me respeitado”, referindo-se novamente às traições de André.

Questionados sobre como lidam com as suas divergências, André disse “tu sabe que assim, agora a Ana tá polida, mas ela já pegou roupa minha e tocou pra fora de casa”. Os dois começam a discutir novamente, quando ela questiona “e eu não tinha motivo?” Ele responde: “com motivo ou sem motivo Ana, tem ‘n’ maneiras de botar alguém pra fora de casa”. Ana disse que o problema é que ele sempre se recusou a sair de casa, dizendo que dali ele não saía de jeito nenhum.

Ana disse que o que sempre a magoou foi o fato dele nunca ter ajudado nos cuidados dos filhos. Ela relata ainda que uma das brigas era porque André reclamava da falta de sexo, em função do cuidado com as crianças. Ana relatou que o filho sempre foi muito mais apegado a ela e que dormia na cama junto com eles. Ana disse que sempre quis conversar

com André sobre seus problemas, mas disse que acaba virando um monólogo. Ela disse: “eu digo, André, eu gosto muito de ti, tu é uma pessoa boa, tu é carinhoso, tu não bebe, tu não fuma, mas às vezes tu é um cavalo. Ele vai gravar que é um cavalo, o restante ele não grava nada. Ai, na próxima discussão, na próxima vez que a gente vai conversar, ele vai me jogar na cara que da ultima vez tu me chamou de cavalo, mas o resto das coisas que eu falei, ele deleta, ele esquece, então a briga sempre foi a mesma,. Ah, porque desde que o Pedro nasceu a gente não faz nada, a gente na passeia, porque eu tenho vontade de sair contigo, e hoje eu estou de uma maneira diferente, sabe”.

Neste momento André reclama que chega muito cansado do trabalho em casa.. Ele também disse: “vou ser bem sincero contigo, eu não me mostro nada colaborativo, eu não tô dizendo que eu tô certo, mas é que chega um ponto que bah, ficar malhando em ferro frio eu digo A, ela responde B, ai a gente discute pelas mesmas coisas, o ponto de vista dela não muda, eu digo alguma outra coisa, o meu não muda nunca, ai chegamos a um ponto absurdo.”

Respondendo a isso, Ana disse: “André se isola de nós, literalmente se isola. O que eu me queixo muito é o fato de assim, tudo bem, eu não vivo nesse mundinho como eu disse pra ele, eu não sou a tua mãe, que viveu submissa ao pai dele, deixou serviço, deixou tudo porque tinha que cuidar de filho”

Retomando a questão do ciúme, André disse que o problema também é que quando ele ajuda em casa ela fica desconfiada que ele tenha aprontado alguma coisa. Ana confirma: “Então eu vivo dessas magoas, e eu digo pra ele, e ele diz ‘ah, tu vive de passado, quem vive de passado é museu Ana’, e eu digo ‘se tu não sabe, eu não vivo de passado André, eu vivo de acúmulos, porque eu vou acumulando isso, aquele outro, em relação às crianças, em relação à

casa, em relação ao serviço, em relação a alguma amiga, e eu digo sempre acontece alguma coisa, e eu sempre vou engolindo”.

### **Famílias de Origem**

Durante a entrevista, foi perguntado sobre como era a família de Ana e ela disse: “a minha família amiga, meu pai podia não ter um real, mas não tinha um final de semana que ele não pegasse eu e meu irmão pra ir no parquinho, a gente tinha uma kombi velha na época, ele colocava a gente tudo lá, fora quando não levava os amiguinhos, sabe... e foi sempre tudo o que eu imaginei pra mim e o que eu faço, o que eu tento fazer no meu período de folga, no tempo que eu tenho às vezes. Todo domingo meu pai assava uma carninha. Sempre, ele sempre foi, como é que eu posso te dizer, meio assim. Eu amo minha mãe, amo, mas meu pai é tudo pra mim. Ele é um exemplo de pessoa, sabe? Ele pode ser grosso, ser um animal algumas vezes, pode ser estúpido inclusive comigo, mas é o exemplo que eu tenho. Sempre se mostrou presente em qualquer momento na minha vida e na dos meus irmãos, brincava, pendurava corda pra nós pular, montava balanço pra nós andar, e isso é uma coisa que eu não vi no André, e conversando com a minha sogra, ela me disse pra não esperar, que ele não vai mudar, porque o pai dele tem 50 anos e é assim. Hoje ele faz volta e meia alguma coisa pros netos, alguma coisa que ele não fez pro filhos, e isso me magoou muito, são coisas assim que me deixam muito triste.”

Com relação à família de André, Ana refere que “eu ouvi coisas da mãe dele, ele ouviu coisas da mãe dele pelo fato de eu ter sido a primeira namorada a aparecer em casa. Foram coisas que me magoaram e ela não sabe, não gostei na época.” Ana disse que por isso não queria uma aproximação do filho com a mãe de André, mas que depois do nascimento da

Paula conseguiu mudar um pouco. Ela disse que agora conversa com a sogra: “Eu falo bastante pra ela em relação a nós dois, às vezes eu me queixo, e ela pára e olha pra mim, e diz ‘eu passei por isso, eu passo por isso até hoje’.

### **Violência Conjugal**

Na entrevista realizada fica evidente a dificuldade que o casal apresenta em resolver os conflitos de uma maneira adequada e saudável. As mágoas são acumuladas e se reverte em cobranças e agressões. A violência psicológica fica evidente durante vários momentos na entrevista, além de já ter ocorrido situações de violência física. A violência inicia com uma discussão relacionada à família, trabalho, filhos ou mesmo de algo do passado, já que Ana lembra vários fatos que ocorreram no passado e que geraram sofrimento a ela. André, que tem um comportamento mais agressivo, por muitas vezes, não conseguindo se controlar quebra coisas da casa, como uma porta que mostraram na ocasião da entrevista. Ana, assim como o marido, também por muitas vezes foi violenta, empurrando-o ou tendo atitudes mais impulsivas, como por exemplo, o que foi relatado na entrevista, de ter jogado as roupas dele na rua.

Na entrevista, Ana relata: “O André já se jogou na parede, o André já arrancou porta, já quebrou vidro. Chamar o André de brabinho não, o André tem os surtos dele quando tá brabo. Uma dessas brigas foi porque nós estávamos indo pra serra passar o fim de semana, e eu perguntei: “Vamos junto, André?”. Ele questionou: “Tu quer que eu vá junto?” Eu disse assim: “ André, se tu quer ir, tu vai, se tu não quer, tu não vai”. Ana relatou que antes deixava de ir nos lugares por causa de André, mas que agora vai sem ele, mas acompanhada do filho, para que ele não tenha motivos para desconfiar dela.



Ana disse que é difícil não ter um parceiro, e André a questionou sobre quando foi a última vez que fizeram algo sozinhos e Ana disse que agora não são mais apenas os dois, que eles têm uma família. Ele questionou: “Quando foi a última vez que a gente conseguiu dormir sozinhos na nossa cama?”. Ele disse “Por mim eu transava com ela todos os dias” e ela confirma, reforçando ainda mais a manifestação do desejo sexual do marido: “transava lavando a louça, transava cuidando dos filhos”. Observa-se, nesse momento, que o sexo também constitui-se em um momento de conflito entre o casal.

### **Análise Vertical: Compreensão do Caso 1**

A história de vida de Ana e André, assim como do relacionamento conjugal deles, é permeada pela violência em diversas formas de manifestação. Considerando a história da família de origem de Ana, evidencia-se o pai como seu modelo de identificação. Percebe-se no relato que, embora o valorize como um exemplo de pessoa, ela também fala que “ele pode ser grosso, ser um animal às vezes, pode ser estúpido inclusive”. Nesse sentido, pode-se perceber que Ana entende a violência como algo naturalizado desde suas interações mais precoces. A mãe de Ana, por sua vez, ocupa uma posição periférica no núcleo familiar, assim como a figura paterna, no caso de André, que se mostra mais distante. Em relação à figura materna, identifica-se que a mãe de André assume uma posição passivo agressiva, na medida em que se coloca numa posição de vítima atribuindo ao parceiro culpa pelas situações que causaram rancor. Percebe-se que, na vida adulta, Ana identifica-se com o pai, tanto no sentido de mostrar-se afetiva, quanto no de utilização da violência como estratégia de resolução de conflitos, da mesma forma em que André parece se identificar com a mãe, mostrando-se passivo enquanto Ana o humilha e desvaloriza, mas extremamente agressivo em termos da

ameaça e concretização da violência física. Nesse sentido, observa-se a perspectiva transgeracional de perpetuação da violência (Wareham, Boots & Chavez, 2009; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Delson e Margolin, 2004; Falcke & Féres-Carneiro, 2011).

No relacionamento conjugal, constata-se que a violência se expressa de diferentes formas, sendo mais evidente na forma de violência física e sexual de André direcionada a Ana, que já a agrediu com tapas, quebrou objetos ou ameaça fazê-lo e força intercurso sexual em momento que Ana não se mostra interessada, ou de violência psicológica de Ana, que desvaloriza o que André está dizendo, o xinga, humilha e faz ameaças constantes de separação. Nesse sentido, percebe-se a presença dos diferentes tipos de violência, confirmando o que a literatura aponta em relação à dificuldade de identificar casos de um tipo isoladamente (Schraiber et al., 2007). Além disso, evidencia-se a mutualidade da violência no casal, ainda que ela seja exercida de diferentes formas pelo marido e pela esposa, podendo-se pensar em uma perspectiva relacional. (Straus, 2011).

Outra questão que fica evidente no casal é o ciclo de violência, que é citado na literatura por Walker (1979) como sendo uma das dinâmicas de relacionamento dos casais que estão em situação de violência. Este ciclo inicia-se nos casais com algumas discussões, ou ameaças verbais - “Construção da Tensão” Neste momento, observa-se que Ana e André se deparam com inúmeros conflitos do cotidiano e não conseguem utilizar estratégias adequadas de resolução de conflitos. Surgem discussões e desentendimentos. Na medida que essas discussões vão ficando mais intensas, passa-se pra segunda fase do ciclo conhecida como “Tensão Máxima”. Nesta fase, ocorrem situações de humilhação, agressão física, destruição de patrimônio do parceiro e coerção sexual. A terceira fase do ciclo é conhecida como “Lua de Mel”, pois neste momento o agressor sente-se culpado pela ocorrência da violência e

promete para o companheiro que isso não irá acontecer. Ana e André evidenciam essa fase quando relatam, por exemplo, que depois das audiências continuaram a morar e dormir juntos até que ela engravida. Como um ciclo, a fase de “Lua de Mel” dura até que novas discussões iniciam e novos episódios de violência ocorram.

### **Casal 2: Laura e Lucas**

Os dados da escala que avalia a ocorrência de violência conjugal (CTS2) evidenciam que existem algumas divergências na percepção dos cônjuges em relação aos aspectos perguntados. Em relação à violência física, o casal relatou que já houve episódios em que se jogaram objetos um no outro, sendo que a esposa relatou que os dois fizeram isso e o companheiro entende que somente ela teve essa atitude. Além disso, Laura diz que já sofreu alguma torção ou um corte por causa de brigas com o companheiro, afirmando que isso ocorreu com ele também. Nesse questionamento, Lucas afirma que somente a companheira sofreu isso e ele não. Laura também respondeu que algumas vezes foi jogada contra a parede com força pelo companheiro e ele confirma. Lucas respondeu que já deu um tabefe na sua companheira, o que também é confirmado por Laura. No que diz respeito à violência psicológica, Laura diz que frequentemente o casal se xingava e se insultava, no entanto, Lucas entende que a frequência de xingamentos e berros é menor do que a revelada pela companheira, sendo somente ocasional. Além disso, algumas vezes houve ofensas, ameaças e discussões no relacionamento do casal, ficando evidente pelas respostas que a intensidade da violência psicológica no casal é alta.

### **História do Relacionamento Conjugal**

Laura, 37 anos, e Lucas, 39 anos, se conhecem desde a infância, pois foram colegas na escola e sempre moraram no mesmo bairro. Laura refere que os dois começaram a “ficar” quando ela tinha 13 anos e, quando ela tinha 17, eles casaram. Sendo assim, estão casados há quase 20 anos.

Laura disse ter se interessado por Lucas por ele ser um cara popular e usar cabelo comprido na época. Segundo ela, “ele foi sempre o bam bam bam da turma”. Ela também disse que muitas de suas amigas eram interessadas nele e foi sempre ela quem correu atrás dele. Considera que: “eu tive a sorte, fui contemplada”. Lucas, por sua vez, indica que se interessou pela fisionomia e pelo jeito de Laura, mas não soube descrever bem.

Laura conta que, quando começaram a namorar, foi bem difícil, pois ela era ainda bem “novinha” e a única filha mulher, então seus pais não deixavam que ela se encontrasse muito com Lucas. Ela também disse que, nesta época, seus pais estavam se separando e seu irmão acabava se metendo no relacionamento deles também.

Depois, aos 17 anos, Laura engravidou, quando ela e Lucas já estavam construindo uma casa. Casou grávida e seus pais não aceitaram muito bem a situação. Ela refere que hoje entende os pais, pois se fosse um dos seus filhos, ela também não iria gostar. Laura comenta que depois que o filho nasceu foi muito difícil, pois ela se viu sozinha com um bebê, mas disse que os pais de Lucas e sua mãe ajudaram muito. Assinala que os dois passaram muito trabalho nesta época. Mesmo assim, dois anos depois tiveram já o segundo filho.

Os dois relatam que, depois dos primeiros anos de casamento, com os filhos pequenos, tiveram uma crise. Segundo Laura: “depois que começa um pouco assim, querer fazer um pouco de farra, né, sair um pouco, daí teve aquela fase”. Ela relata que, nessa época, Lucas

saía muito, bebia e chegava em casa mais tarde. Lucas, que, segundo Laura, é de falar pouco (e realmente falou bem menos na entrevista), se queixava de que, nesta época, os dois não estavam trabalhando, estavam atrapalhados financeiramente e, quando ele chegava em casa, ela estava cuidando das crianças e começava a fazer muitas cobranças, o que o irritava.

Sobre esta crise, Laura disse: “Foi muito difícil, porque, como eu te falei, eu sempre olhava pra trás e via assim, amigas minhas se formando, amigas minhas, tipo... Eu tinha sido criada pra fazer, sabe, meu pai tinha uma firma, empresa assim, daí eu ia ser isso, ia ser aquilo. De repente, meu pai se separou, eu casei, e as coisas foram acabando. Daí, daqui a pouco eu me deparei com um filho, com um marido saindo. Olhava pra trás e pensava ‘Meu Deus, o que que eu vou fazer agora? Vou, ou eu toco tudo fora? Toco o que eu comecei novinha fora e vou criar meus filhos e vou começar de novo?’ Eu, na verdade, sempre pensei assim: ‘eu tenho as crianças e eu vou dar a volta por cima, vou tentar buscar ele, que eu sempre fui batalhando assim, pra que ele não fizesse mais, e também não foi um período muito grande assim sabe, foi aquela coisa de guri, tinha 22, 23 anos... Eu acho que quando tu casa com 16, 17 anos até os 22 anos tu consegue segurar teu casamento assim, até os 21 anos é ate muito né, depois começa aquela coisa de, faltava isso, queria aquilo, queria...”. De acordo com a fala de Laura, percebe-se que ela acabou relevando o comportamento do marido naquela época por entender que ele havia casado muito cedo e sentia falta de viver algumas coisas da idade.

Laura disse que quando os filhos cresceram um pouco foi melhorando, mas disse que ela teve que “deixar muitas coisas pra trás”, para que desse certo entre os dois. Disse também que nunca falou dos seus problemas com Lucas para sua família, apenas para a família dele. Disse que a mãe dele sempre a apoiou muito e que isso a deixava segura. Laura disse: “Dei a

volta por cima”. Porém, comenta que os dois brigavam bastante. Laura disse que é muito alterada, muito brava. Lucas disse que ela explode, perde o equilíbrio. Ela disse: “Ele já é mais calmo assim, ele não fala muito mesmo assim, então as vezes eu enchia até ele explodir. Algumas vezes, até a gente se agrediu assim, fisicamente, mas não assim de, de arma, não...”. Segundo os dois, “só empurrão”. Mesmo assim, comentam que nunca chegaram a se separar. Verifica-se que a violência física e psicológica acaba sendo mais frequente nesse momento em que o marido começa a sair e não ajuda-la em casa. Laura assume que é muito braba e que, em alguns momentos, tentou agredir o marido fisicamente.

Laura disse: “É, a nossa vida foi assim, a gente brigava muito e nunca conseguia ficar mais que um dia, dois sem... Mas ficava aquela mágoa, daí ficava sempre um cutucando o outro assim, mas nunca a gente separou assim, e porque também, eu sempre tinha as crianças, daí em pensava nelas e fui levando. Depois eu fui acalmando, fui acalmando e a gente foi... Eu comecei a trabalhar, ele mudou de emprego, aí já foi melhorando”. Nesta fala, Laura entende que o fato de ela ter “se acalmado” amenizou a situação deles e as brigas frequentes. Além disso, está muito presente no discurso de Laura que sempre pensou muito nos filhos. Refere que antes até podia brigar com Lucas de um jeito mais agressivo, mas que, com o crescimento dos filhos, isso teve que mudar. Tiveram um terceiro filho há quatro anos e, no ano seguinte, perderam o filho mais velho em um acidente automobilístico.

Laura e Lucas disseram que os dois melhoraram depois do falecimento do filho, há 3 anos. Laura disse preocupar-se muito com os meninos, pois considera ser muito marcante presenciar brigas entre os pais. Lucas lembra que, logo depois do falecimento do filho, sua mãe também faleceu, o que também contribuiu para que melhorassem. Laura considera que

não foi pelas perdas que eles melhoraram, mas que estas situações foram deixando eles mais unidos.

Lucas também indica que, com o tempo, os dois foram amadurecendo e que hoje conseguem sentar e conversar. Laura revela que, se não tivesse mudado, os dois não conseguiriam ter continuado juntos. Também disseram que hoje os problemas já não são mais os mesmos, que são em relação à casa e às contas, mas nada de mais. Através da fala da esposa fica claro que o casal optou em focar mais na criação dos filhos e tiraram o foco deles, entendendo que a prioridade deles passou a ser os filhos.

Avaliando o casamento, Laura recorda que eles tiveram momentos muito ruins e que ninguém acreditava que o casamento deles daria certo, mas ela considera que se mantiveram juntos porque também tiveram momentos muito bons. Ela disse: “na realidade, a gente se gosta bastante”. Continua relatando: “Eu acho que isso ai, sabe. Ele não sai, ele não é uma pessoa que sai, ele é muito, nesse ponto assim, é mara... Sempre foi assim sabe, ele é uma pessoa que me ajuda em tudo, faz tudo que eu preciso, tudo que eu quero... . É uma pessoa que tá sempre comigo em casa, não é... não tem vícios, de beber, de fumar, de se drogar de... Sabe aqueles maridos que final de semana saem pra... Eu vejo em outros casais assim que eu conheço, nossa mãe, tenho que agradecer muito a Deus porque a gente sai, se tiver que passear num domingo, num sábado, numa sexta. Ele é muito família assim e é muito dependente de mim”. Lucas concorda ao referir que: “É, eu sempre pergunto pra ela, falo com ela também pra gente fazer alguma coisa”.

Durante a entrevista os dois concordaram bastante e Laura disse que Lucas sempre acaba fazendo o que ela quer, mas que ela também acaba, em algum outro momento, fazendo o que ele deseja. Disse: “Eu quero ir num lugar assim, e ele, claro que às vezes ele fala, daí

numa outra talvez, numa outra ocasião eu concorde sabe”. Com relação a escolha por ir a algum lugar, Lucas refere: “Eu to afim de ir, se tu quiser ir, vamos. Mas deixei pra ela, se tu não tá afim de ir, não tem nenhum problema, e ai no fim acabo esfriando mesmo”. Lucas complementa: “É, a gente sempre, se tem algum lugar pra gente, pra nós irmos assim, alguma coisa, eu chego e pergunto pra ela antes da gente acertar se vamos ou não vamos... Daí a gente pega e vai, ai não tem, mas do contrário, ou se ela for, ela vai me convidar antes de acertar, de dar o ok. E eu também, não vou dizer que sim antes de ver com ela, conversar”.

Laura relatou na entrevista também que Lucas é muito ciumento, disse que isso atrapalha, que gostaria que ele não fosse, mas disse que não é nada que leve a uma briga. Ela comenta que até os filhos têm ciúmes dela.

### **Famílias de Origem**

Investigando o relacionamento com as famílias de origem, Laura assinala que sua mãe era muito brigona, estava sempre brava e que seu pai era alcoolista. Refere que, “até meus 12 anos assim, eu sempre criei, cresci no meio de briga. Eles brigavam muito e muita agressão assim, depois foi muito difícil, porque daí, com meus 11 pra 12 anos, a agressão era muito... Meu pai deu um tiro na minha mãe, meu pai batia muito na minha mãe, minha mãe era muito ruim pra ele, essas coisa assim... Eu fui criada assim, realmente no meio de uma grande briga”.

Ela disse que havia sido criada pra ter tudo, uma vida confortável e estudar, mas de repente tudo mudou. Refere que gostava do Lucas, mas acha que casou principalmente para sair daquela situação que vivenciava dentro de casa.



Sobre sua mãe, Laura reflete: “sempre quando eu brigava com eles, eu brigo, eu sou acho que o reflexo da minha mãe. Sou assim, só que a minha mãe gostava de explodir, de fazer aquilo... Eu já penso, sabe que têm eles [os filhos] então eu já não... Minha mãe não pensava que tinha eu, minha mãe é... Na verdade, acho que atrapalha, acho que serviu assim pra mim não fazer igual. Procuo não fazer igual. Às vezes, até acho que escapo, alguma coisa assim de eu ser muito brigona assim, não é nenhum grande, mas...”.

Comparando o relacionamento conjugal dos pais com o seu, Laura comenta: “nem um terço do que meu pai e minha mãe fizeram a gente teve, sabe? Meu pai e minha mãe brigavam muito feio assim, meu pai deu um tiro na minha mãe e eu tava sentada com a minha mãe na cama e ele deu um tiro na perna da minha mãe. Uma vez ele pegou... É tão, eu era tão pequena, mas a gente não esquece “. Laura disse que sua mãe também agredia seu pai e que ela costumava sempre ficar do lado do pai. Sobre a atitude de proteger mais o pai, ela diz: “Porque ele não me batia e ela sempre me agredia muito, né? Eu amo minha mãe, hoje é eu e ela assim sabe, mas sempre fica com aquela coisa, né? Ela me batia, ele nunca me bateu. Ele já conversava mais assim, então, tem coisas que marcam...”. Ela considera que sua mãe era carinhosa com ela no sentido de dar as coisas que ela precisava, enquanto o pai conversava e era mais afetivo.

Sobre sua família, Lucas indica não lembrar de muita coisa. Comenta: “Meu pai bebia, mas era só em casa, não era pra sair pra bar e coisa assim, boteco, nunca foi, mas foi sempre bebendo. A mãe é mais nova e o pai é bem mais velho, né? Então tinha muita discussão, briga, o pai bebia em casa, tomava, tomava cachacinha e coisa assim, bebia e ficava bêbado e tudo. Ai tinha aquela discussão, mas nunca de agressão assim, só discussão, né? Discussão tinha bastante”.

Sobre os pais de Lucas, Laura disse: “Os pais deles tiveram uma relação muito difícil depois que a Raquel morreu [irmã de Lucas]. Foi muito complicado, pois o pai dele não aceitava e, o pai dele, ele não aceitava, porque ela foi viajar com um casal de amigos e daí morreu afogada, né? Então, daí ele bebia, não tanto antes, depois ele começou a beber muito, então daí a minha sogra diz que ficou muito difícil a relação deles. Quando eu entrei na família, foi muito difícil, porque ele bebia muito”.

### **Violência Conjugal**

Através da entrevista e com os dados obtidos pelo instrumento fica evidente a presença de violência na vida do casal. O instrumento traz mais dados desta violência do que a entrevista com o casal. Através da escala, observa-se que ocorreram vários episódios de violência psicológica entre o casal e até de violência física. A esposa evidencia, através das respostas, que ameaças e discussões, ou seja, a violência psicológica ocorria frequentemente na vida casal, sendo que Lucas minimiza a frequência ainda que reconheça a ocorrência do fenômeno.

Talvez a violência fique mais evidente no instrumento, por ele mensurar a cronicidade do fenômeno, ou seja, levar em conta a ocorrência de violência no passado, ainda que ela tenha deixado de ocorrer. Um fato que determinou a mudança do casal em relação à violência que ocorria, foi a morte do filho mais velho, que parece ser um fato que propiciou o rompimento das discussões e das brigas mais graves. Segundo o casal, mais especificamente Laura, que fala mais durante a entrevista, a morte do filho uniu eles e possibilitou que parassem de brigar e aproveitassem mais os momentos em família. Eles relatam que ainda

discutem por algumas coisas da casa, mas que é menos frequente do que antigamente e sem a ocorrência de violência.

### **Análise Vertical: Compreensão do Caso 2**

Através dos relatos da história de vida do casal, principalmente de Laura em relação a sua família de origem, é possível identificar questões importantes de violência nas suas relações mais precoces. Laura relatou na entrevista, que presenciou violência física quando pequena, num episódio que seu pai chegou a dar um tiro na perna de sua mãe. Laura se identifica com a mãe, e diz que a mãe era bastante explosiva, principalmente com o marido, e que em muitos momentos, provocava até que ocorresse a violência física. Mesmo comportamento que reconhece em si mesma, evidenciando a perspectiva transgeracional (Wareham, Boots & Chavez, 2009; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Delson e Margolin, 2004; Falcke & Féres-Carneiro, 2011).

No relacionamento conjugal de Laura e Lucas, fica evidente que a violência física é mútua, no entanto, o marido minimiza a violência que ele sofre. Pode-se observar que Laura tem o papel mais atuante no relacionamento, e relata que em alguns momentos perdeu o controle diante da situação, chegando a agredir Lucas. Situações de violência física que ele não reconhece ter sofrido. Observa-se que é mais fácil para Lucas assumir a violência cometida por ele do que a violência sofrida, talvez em função do que seja esperado socialmente para o papel de homem, de marido. Verifica-se que a posição de vítima lhe é desconfortável, ainda que Laura assuma sua posição como vítima e agressora. Esse dado parece refletir a dificuldade masculina em reconhecer sua fragilidade e pedir ajuda nas situações de violência conjugal (Gomes et. al., 2007; Hirigoyen, 2006).

Quando perguntado sobre a violência no momento presente, o casal relatou uma situação que colaborou com o rompimento da violência no casal. Laura contou que seu filho adoeceu e morreu, e esse ocorrido mudou muito a maneira como eles entendem a vida e as questões familiares. Atualmente, se consideram mais unidos por causa desse acontecimento que gerou muito sofrimento e possibilitou ao casal uma reaproximação para que um pudesse ajudar na dor do outro.

### **Casal 3: Bianca e Bruno**

O instrumento de violência aplicado identificou a ocorrência de violência sexual e psicológica na dinâmica de relacionamento de Bianca e Bruno, especialmente na análise de Bianca. Ela relata que sempre xinga seu companheiro e que raramente ele faz isso com ela. Quando perguntado para Bruno sobre insultos ou xingamentos, ele relatou que nunca fez isso com a companheira, mas que sua companheira às vezes o xingou ou insultou. Bianca refere que às vezes seu companheiro a chamou de gorda ou outros adjetivos desqualificadores, referindo que também fez isso em alguns momentos. Bruno não compreende dessa maneira, não sendo identificado por parte dele o ocorrido. Bianca diz que sempre grita ou berra com o marido e que ele tem esse comportamento somente de vez em quando, sendo que também não foi relatado isso por parte de Bruno. A esposa considera que algumas vezes forçou o companheiro para ter uma relação sexual e que ele também fez isso com ela. No questionário de Bruno não se identifica essa ocorrência.

Através da compreensão dos itens trazidos no questionário, pode-se compreender que Bianca possui uma maior identificação da violência, tendo uma percepção de que em alguns

momentos exerceu violência e da mesma forma, sofreu. Ela traz a questão da violência psicológica e fica entendido através das respostas do questionário que houve em alguns momentos violência sexual, tanto da parte dela como do marido. Já Bruno não assinala questões de violência no casal, minimizando a ocorrência dela no seu relacionamento conjugal. Assim como ele entende que não foi agressor, também entende que não sofreu violência, não evidenciando a ocorrência através do questionário.

### **História do Relacionamento Conjugal**

O casal se conheceu na universidade. Eram colegas do mesmo curso e se tornaram amigos. Além disso, faziam parte da mesma turma e por isso costumavam sair juntos. Bianca comenta que ela teve que diminuir as disciplinas na faculdade e, em certa época, teve que trancar a mesma, em função de doença na família e da morte de um irmão. Assinala que por isso ela e Bruno acabaram cursando várias disciplinas juntos, pois era pra ela ter se formado antes dele.

Bianca lembra que o que mais a atraiu em Bruno foi sua insistência para ficar com ela. Considera que ele foi muito determinado: “É isso me chamava muito à atenção, porque no começo era muito engraçado, era uma brincadeira, mas isso foi mexendo comigo realmente né, ao ponto de eu realmente ceder”. Ela conta que ele era bastante direto em relação a querer uma chance e ele conta de forma divertida: “É, levou alguns anos, trabalho árduo”. Bruno diz não ter certeza do que lhe chamou a atenção em Bianca, mas lembra de ter gostado de sua beleza, sinceridade e do fato de ser comunicativa. Disse que aos poucos foi se envolvendo com ela.

Os dois assumiram o namoro para a família e os amigos no último ano de faculdade do Bruno, depois da formatura de Bianca. Segundo Bianca, Bruno decidiu investir para que os dois assumissem o namoro porque depois não se veriam mais, com Bianca tendo saído da faculdade. Ela considera que, no seu último ano de faculdade, foi tudo muito corrido e que seu foco era para os estudos e não para o namoro, por isso acabou achando melhor não assumir um namoro naquele momento. Ela conta que eles começaram a namorar em 98, ficaram noivos em 2000 e casaram em 2001.

Antes de casar, Bianca morava no apartamento que mora hoje, mas ia todos os finais de semana para a casa dos pais e Bruno morava com a mãe. Os dois contam que o que apressou o casamento foi a gravidez da filha Beatriz, que ocorreu em 2001. Segundo Bruno: “É, a Beatriz veio mais cedo do que a gente imaginava e hoje ela já tem 10 anos, acho que deu certo, né”. Mas antes do casamento os dois já moravam juntos. Bianca comentou de forma divertida: “vamos dizer que da semana de 7 dias, 5 o Bruno morava aqui”.

Em relação aos conflitos e as formas como os casais os resolvem, o casal falou das situações que acontecem de forma geral, não falando deles especificamente, como observa-se na fala de Bruno: “Porque quantos casais aí, o marido bate na mulher e fica por isso mesmo, sabe...”.

Bianca foi questionada sobre como é este seu temperamento explosivo na relação com Bruno e ela disse: “Um explode e o outro não explode” (risos). Bruno disse que não gosta de briga, segundo os dois ele é muito calmo. Ele disse que acha que isso vem do seu avô materno, que não gostava de gritar, berrar, de bate-boca. Bianca disse que o marido também não é de ouvir quieto, disse que ele revida, mas com muita calma e ela já costuma explodir, gritar, botar pra fora. Ela disse que como vai passar em cinco minutos o marido “nem dá

bola”. Aí questionamos como ela se sente com isso e ela disse: “É a gente já, eu ia dizer, os únicos problemas do nosso relacionamento é realmente esse, a gente já conversou muito a respeito disso, eu não tenho como saber o que passa dentro dele, porque ele nunca exterioriza isso, né? A gente teve momentos muito ruins no nosso casamento, mas nenhum deles foi de briga, foi silêncio. Todos momentos foram de silêncios, mesmo sabendo que um gosta muito do outro, acho que nunca, a gente nunca colocou em duvida isso, eu gosto muito dele, eu amo muito meu marido, e eu acho que ele também me ama bastante, pelo menos diz que ama, mas a gente teve muitos problemas assim de silêncio, de morar na mesma casa e não se falar realmente. De mim, eu só posso falar da minha parte, eu fiquei muito tempo em silêncio, esperando, e aí, ate aonde vai isso, quando esse homem vai tomar uma atitude, quando é que ele vai vim me dizer alguma coisa, um dia ele vai ter que chegar e falar comigo, não é possível, mas não vou ser eu. Porque eu acho assim, sempre sou eu, eu que sou a brigona, eu que sou a gritona, eu é que resolvo, eu é que vou lá e pergunto, eu é que vou lá e falo, eu é que vou lá, e ai eu acho, pensei assim um dia é ele que vai ter que tomar uma atitude, vai ter que falar”. Nesse momento Bruno brincou: “Eu?”. Bianca disse: “Boa tarde, boa noite. E o mais legal é que a gente continua fazendo as mesmas coisas, indo nos mesmos lugares, almoçando, saindo sabe, tudo igual entendeu? Só que a gente não se falava”. Bruno continuou: “É melhor que brigar, não é a melhor do que brigar? Partir pra uma violência?”. Ela disse que eles chegaram até a se comunicar por e-mail e depois já nem sabiam mais porque não estavam conversando. Ela disse que a atitude de voltar a conversar foi de Bruno. Disse que foi quando a filha estava fazendo tratamento psicológico e eles foram chamados. Ela disse que os dois se deram conta, o que adianta levar a filha pra se tratar e conseguir tocar sua vida se os dois estão lá “naquela situação ridícula”. Depois desta situação, os dois

conversaram e decidiram que ou viviam como um casal ou não dava mais. Aí acabaram estabelecendo algumas “metas”, segundo eles, sobre o relacionamento. Segundo Bianca: “A gente, uma coisa que a gente não abre mão que a gente estava deixando de lado, era se divertir, ter um tempo só pra nós, sair, fazer coisas que a gente fazia né, a gente não é só pai e mãe, a gente é mais mulher também, ser humano, tem que sair, tem que se divertir, ter amigos, então hoje em dia a gente vai, tudo o que aparece a gente vai, churrasco, festa, baile a fantasia, festa dos anos 80, o que estiver rolando a gente tá indo, né?”. O marido concorda, afirmando: “Digamos que a gente tá reaprendendo a se divertir”. Em relação às metas estabelecidas, eles falaram que a principal delas é que eles deveriam se divertir, sair: “Não deixar de sair, e toda vez que a gente tiver um problema, um levar o problema pro outro, essa é a meta”. Bruno complementa: “E resolver o mais rápido possível”.

Sobre a sexualidade, logo que chegamos na casa, no início da entrevista, Bruno, de uma maneira divertida, perguntou “terá perguntas picantes?” e deu risada. Ainda que fosse divertido, a abordagem direta do assunto talvez possa revelar que esta era uma preocupação de Bruno com o conteúdo que seria abordado. Durante a entrevista, ao serem questionados sobre o assunto, quem começou falando foi Bianca, referindo que: “Olha, nossa vida sexual já foi melhor, já foi bem melhor. Ela ainda existe né, mas ela já foi bem mais, como é que a gente diz, nós, quando há uma relação sexual entre nós, sempre foi igual eu acho, ela é quente, é satisfatória, a meu ver, mas ela é não é tão frequente hoje né, nos estamos casados há 11 anos e, ela poderia ser mais, mais frequente, o Bruno diz que a culpa é minha”. Bruno intervém considerando: “a Bianca diz que a culpa é minha também”. A esposa relata que existe uma série de coisas que acontece, sendo que a demanda da filha de carinho e atenção é uma e outra questão é que ela trabalha de noite e, quando chega em casa, o marido já está



dormindo há muito tempo. Ela comenta: “Eu posso pegar lá e deitar agora, tá vamos transar, tudo bem a gente pode até transar, mas o Bruno vai dormir e eu vou ficar lá, sem fazer nada, olhando, não é legal, não sei, não é meu, parece que eu vou deitar pra fazer alguma coisa por obrigação eu acho que não é assim”. Ele concorda dizendo que transar só por transar não adianta. Ela continua dizendo que tem que rolar um clima e que, nesse sentido, quem está falhando é o Bruno: “É o que eu digo, tem que rolar todo um esquema, e eu acho que nessa coisa do esquema que tu tá falando que tá falhando, ai entra tua parte, tu tá realmente querendo que a coisa seja mais freqüente então tu tem que propiciar momentos para isso”. Ele diz que terá que tomar remédios pra não dormir então. Bruno comenta: “Nós dois temos culpa, mais o fato de não querer fazer barulho.” Ela diz que isso nunca impediu nada e complementa: “Ah, a gente tem a nossa filha e ai também é por isso, não pode tá berrando, gritando, por isso tem que sair, fazer uma coisa diferente, quer fazer uma coisa diferente, mais picante. O fato de ter outras pessoas dentro da casa, o nosso desempenho sexual nunca foi menor”. Ela acrescenta falando pro marido: “O que realmente acontece é uma falta de frequência de ter uma relação sexual por essas coisas que a gente colocou, justamente por eu chegar às 11 horas em casa e tu já tá dormindo, deitado, tapado, ai tu olha uma pessoa que já tá tapada, dormindo, não é uma coisa muito agradável, tivesse esperando, conversar, um vinho, uma coisa assim né, mas tem que ser um pouquinho mais romântico também”. Ela segue a fala dizendo que já conversaram sobre isso, mas que as coisas continuam na mesma. E o marido diz: “Eu vou fazer umas coisas mais românticas”.

**Famílias de origem:**

Bruno começou falando de sua família. Seus pais são separados há 27 anos e segundo ele se dão bem. Cada um tem a sua família agora. Os dois se separaram quando Bruno tinha 11 anos e o principal motivo era pelo fato de seu pai ser alcoólatra. Depois da separação, ele ficou com a mãe e não teve mais contato com o pai. Até que uns 15 anos depois seu pai reapareceu. Seu pai voltou a procurar quando já estava em recuperação. Daí conheceu a neta e os dois começaram a ter uma relação mais afetiva de pai e filho, segundo Bruno. Bruno disse que ele mudou muito, que está casado com uma boa pessoa e tem uma doença grave, por isso faz hemodiálise. Disse que seu pai é outra pessoa hoje em dia. Sua mãe também vive com o padrasto dele, que segundo ele é uma pessoa ótima. Nenhum de seus pais teve outros filhos.

Bruno disse que sua mãe nunca falou mal de seu pai pra ele e que por isso esse processo de separação foi mais tranquilo. Bruno relata que como é o filho, não guarda rancor pelo fato de seu pai ter sumido por um longo tempo. Disse que hoje seu pai liga pra ele quase todos os dias. Comentou que seu pai é uma pessoa bacana, mas que nunca influenciou em sua vida. Quando questionado sobre o que acontecia quando o pai bebia, Bruno relata que ele brigava na rua e ele, com 11 anos tinha que ir buscá-lo bêbado nos bares, porque sua mãe pedia que ele fosse buscar. Ele contou que já tiveram alguns episódios em que seu pai bateu em sua mãe. Bruno comentou que presenciava estas cenas e teve um momento em que sua mãe não agüentou mais essa situação e decidiu se separar.

Em relação aos pais de Bianca, ela afirma: “Meus pais atualmente não vivem juntos, mas eles são casados. Eu tive um relacionamento muito bom na minha infância com a minha família, com meus pais, com meus irmãos. Eu tenho, tive dois irmãos, já perdi um né, que eu já falei pra vocês, e meus pais até meus 15 anos, viviam muito bem, ou talvez eu não tenha

percebido antes né, sabe que criança às vezes não liga muito pras coisas que estão acontecendo. Talvez adolescente já esteja mais ligado, né? A partir dos meus 15 anos, aí que eu vi que eles brigavam bastante, discutiam bastante né, mas não era assim como é hoje, hoje meus pais não se suportam, mas eles não se separam”. Bianca conta que sua mãe mora um pouco com seu pai em outra cidade e um pouco na casa dela. Ela disse que sua mãe ainda não conseguiu achar um lugar pra ela. Refere que as pessoas já disseram pra mãe dela procurar ajuda, que ela não está bem, mas ela não quer, pois, segundo Bianca, ela quer ficar sofrendo, sentindo esta dor depois de ter perdido um filho.

Bianca considera que essa situação acaba afetando seu casamento, porque sua mãe fica muito tempo na sua casa, e eles perdem a privacidade. Mas ela disse que o apartamento é na verdade da sua mãe. Assinala que ela e o marido tentam permanecer unidos nessa situação, mas que acabam se estressando. Eles pensam em futuramente conseguir um outro apartamento pra eles, para não dependerem da mãe. Quando questionada sobre desentendimentos com a mãe, Bianca disse: “É que já teve tantas brigas sabe, eu já briguei tanto com a minha mãe, que eu cheguei num momento que eu acho que não dá, não vale mais a pena, não vai, ela não vai mudar, ela tá com 67 anos, eu tô com 45, nosso relacionamento não vai ser diferente, ele não vai chegar num nível de evolução, tu tá entendendo? Ele não vai evoluir pra uma perfeição, custou a cair essa ficha, mas caiu, então o máximo que eu posso fazer é tentar conviver da melhor maneira possível evitando esses conflitos, porque a minha mãe é aquela pessoa que quando ela briga, ela fica de mau, realmente é, uma coisa pra ficar meses sem se falar, imagina morando na mesma casa ficando meses sem se falar né”. Bianca disse que tem medo de um dia explodir e cortar relações pra sempre com a mãe. Ela disse que a relação das duas sempre foi muito difícil, que parece outra relação, mas não de mãe e filha.

Sobre o pai, diz: “Ah, meu pai é uma figura muito interessante, meu pai é um paizão assim, ele também, ele é muito passional, ele é muito emotivo, ele é do mesmo signo que eu, ele é de touro, então, a Beatriz minha filha também é de touro, meu avô que era o pai dele também é de touro, então a gente tem essa coisa... Da geração de touro, os touros, a gente é conhecido como os touros da família, então a gente é muito explosivo, muito emotivo, e, mas o meu pai ele se estoura facilmente também briga, grita, fala alto, mas daqui um pouquinho ele já quer resolver, entendeu? Ele nunca vai ficar sem conversar e sem resolver, briguei contigo, mas daqui a cinco minutos “pô me desculpa aí, me alterei, bah, eu realmente eu estava errado você tava com a razão”. Sempre vai te procurar pra resolver, ele nunca vai ficar sem revolver aquilo ali, e eu sou assim também, e minha mãe coloca isso, vocês vão ali, brigam, dizem barbaridades um pro outro, daqui 5 minutos vocês se abraçam e ta tudo bem, que bom que a gente resolveu isso, e a gente vai pra frente, pra próxima briga, do que ficar com aquilo guardado dentro do peito pro resto da vida, fica botando numa caixinha, que o que minha mãe adora fazer, colocar todos os defeitos de uma pessoa e colocar numa caixinha e na primeira oportunidade abrir a caixa e dizer olha aqui os teus defeitos eu guardei aqui. Eu prefiro botar pra fora, ó ta ai ó, passou, vamos apagar e vamos adiante, senão não tem pra que continuar se relacionando com as pessoas, não vejo motivo, né? Meu pai pensa assim também, mas ele também não tem sangue de barata, então ele, pra ele, hoje, meu pai, ele tem, ele já teve infarto, ele se preserva um monte desses estresse essas coisas, então ele prefere ficar lá, no cantinho dele quietinho, e eu não tiro a razão dele”.

Quando perguntados se tinham algum casal como exemplo, os dois tiveram um pouco de dificuldade, mas lembraram dos tios da Bianca, que são bastante festeiros e muito parceiros um do outro. Depois, ao serem questionados sobre um casal que eles não gostariam

de ser, cada um falou de seus próprios pais. Bianca falou do casamento de seus pais: “Eu vejo meus pais presos por uma coisa, uma corrente que eles estabeleceram, ninguém colocou essa corrente neles, eles não conseguem se separar, eu não sei porque, eu acho que eles deveriam ter se separado a muito tempo, meus pais deveriam ter se separado a uns 30 anos”.

Em relação a influencia da família de origem no relacionamento do casal, comentamos com o casal que a família de origem pode interferir nos nossos relacionamentos e então, Bruno comentou: “Ah, se tu for ver por esse sentido no meu caso, como eu penso da seguinte maneira, eu teria que ser hoje, provavelmente seria um marginal então, teu pai é alcoólatra né, separa, tu tem 11 anos de idade, eu morava lá em Alvorada, quer dizer, tive muitos amigos que foram presos, que morreram, que eram traficantes, quer dizer, qual é a tendência, qual é a minha tendência, caminhar pro mesmo lado, né? Não, minha mãe sempre me deu uma conduta, sempre me ensinou”. Fica evidente pela fala de Bruno que a educação que a mãe lhe forneceu foi o exemplo que ele levou pra sua vida, e o fato do pai ter tido problemas com a bebida e depois ter saído de casa não foi uma situação que afetou tanto Bruno em termos de reprodução de modelos parentais, pois ele buscou identificação preponderantemente com a mãe.

### **Violência Conjugal**

A violência conjugal fica mais evidente no instrumento num primeiro momento, do que na entrevista realizada. Pode se perceber que o casal tenta resolver seus conflitos preponderantemente através de conversa e negociação, mas que em alguns momentos quando a resolução do conflito não ocorre, eles se afastam e não buscam mais diálogo. Identifica-se a estratégia de demanda e recuo, em que Bianca busca trazer o conflito a tona e Bruno se afasta,

fazendo com que Bianca também se afaste. Ainda que eles não reconheçam como violência, os silêncios que se impõem evidenciam o não reconhecimento das demandas do outro e a ineficácia dessa ação como estratégia de resolução dos conflitos.

A ocorrência da violência sexual se faz presente em alguns momentos da vida do casal, através do CTS2. Na entrevista, não fica tão evidente o fato de um ter forçado o outro a ter relações sexuais, ainda que Bianca declare evidente a sua insatisfação com a frequência sexual. Acredita que as coisas poderiam ser diferentes e que o marido poderia “se puxar” mais para que tivessem uma vida sexual satisfatória. Sua queixa é mais em relação a frequência com que isso ocorre e, pela não ocorrência em alguns momentos, Bianca chega a insultar o marido ou forçá-lo a tomar uma atitude. Bruno não compreende a situação dessa forma e mostra-se desconfortável em relação as questões sobre sexualidade. Ainda que inicie a entrevista fazendo piada com o assunto, mostra-se passivo mais na discussão. O casal aproveita o momento da entrevista para discutir essas questões, e o marido se compromete a tentar fazer coisas diferentes e ousar mais em relação a sexualidade. Pode-se concluir, com os dados apresentados no instrumento e na entrevista, que o casal possui percepções bem diferentes sobre a ocorrência de violência no relacionamento deles, pois Bruno não reconhece a existência de situações desse tipo.

### **Análise Vertical: Compreensão do Caso 3**

Observa-se que o casal preponderantemente tenta resolver os conflitos conversando, sem agressões. A estratégia de resolução de conflitos mais utilizada é a de demanda e recuo, na qual um dos parceiros tenta discutir sobre um assunto e o outro o ignora, evita a conversa ou simplesmente se recusa a dialogar (Christensen, 1988). Este padrão é considerado pelos

estudiosos da área como um dos mais nocivos ao relacionamento e o menos eficaz na solução do conflito, sendo que inúmeros estudos já o associaram a disfuncionalidade no relacionamento conjugal (Eldridge, Sevier, Jones, Atkins, & Christensen, 2007; Shoham & Rohrbaugh, 2002).

Quando focada a entrevista mais para a vida sexual do casal, constata-se uma grande insatisfação de Bianca em relação à situação. Ela mostra-se insatisfeita pela baixa frequência com que praticam relações e também pelo fato de o marido não tomar atitudes diferentes. Ele mostra-se bem mais passivo, enquanto ela já demonstra interesse em ter uma vida sexual “bacana e diferente”. Na entrevista, não chega a se caracterizar de forma evidente a violência sexual, mas, pela CTS2, existe a identificação de coerção, especialmente cometida por Bianca. Como ela demonstra-se mais interessada por sexo, parece, de alguma forma, que ela desqualifica ele como homem e que pode ter usado de artifícios para coagi-lo a ter relações quando ele não queria. Ele parece se proteger das investidas sexuais de Bianca indo dormir cedo, evitando contato. Constata-se, nesse caso, que, diferente do que prepondera em termos de estatísticas (Kronbauer e Meneghel, 2005), nesse casal a coerção é exercida pela esposa.

### **Análise Horizontal dos Casos**

É possível compreender a dinâmica de relacionamento conjugal dos casais deste estudo, através da união dos três casos. Algumas semelhanças ficam evidentes nos três casos apresentados, como no que diz respeito à percepção da violência de homens e mulheres. Observou-se diferença em relação a percepções que os maridos e as esposas possuem no que diz respeito a violência no relacionamento. As mulheres perceberam mais a violência no relacionamento do que os homens. Elas assumem mais a violência sofrida e a cometida,

enquanto que os homens não a reconheceram de forma tão evidente, especialmente nos casos de violência cometida pela parceira, em que eles estariam na posição de vítimas. Pode-se pensar que os estereótipos de gênero, que impõem ao homem o papel de forte e agressivo, dificultem que eles possam se reconhecer em posição de inferioridade e até de buscar ajuda. Nesse sentido, o estudo revela a necessidade de um olhar atento para o quanto os estereótipos de gênero são prejudiciais a ambos os sexos (Falcke et al, 2009).

Além disso, a naturalização da violência também fica evidente nesses casais, na medida que não consideram tanto alguns comportamentos ou falas e ameaças como violência. A violência foi bem mais pontuada na escala (CTS2) do que nas falas da entrevista, evidenciando o quanto a violência é mais reconhecida como tal quando há materializada, sendo negligenciada a violência psicológica (Colossi, 2012). Numa das entrevistas realizadas, por exemplo, a esposa relata que já ouviu violência na relação, mas não com tiro. Na fala dela, fica evidente uma desqualificação das diferentes formas de violência, que só poderia ser considerada grave se houvesse tido algum episódio com arma de fogo, por exemplo.

Através das entrevistas realizadas, identificou-se a ocorrência de vários tipos de violência nos relacionamentos, confirmando estudos já realizados que identificaram que a ocorrência da violência se dá de diferentes maneiras, podendo ocorrer mais de uma violência no relacionamento conjugal (Scriber et. al.. 2007). Através desses dados, evidencia-se o quanto a violência conjugal é um fenômeno complexo que deve ser pensado pelos profissionais da saúde, em busca do desenvolvimento de intervenções dedicadas a trabalhar com os casais a ocorrência da mesma.

Através deste estudo também pôde-se compreender mais a ocorrência de violência na família de origem e o quanto esse padrão se repete na vida dos casais que já tiveram



conviveram com a violência na infância e a observaram no relacionamento dos pais. Pode-se observar que o fenômeno da violência acaba sendo naturalizado, pois já vivem num contexto de risco desde quando crianças. A repetição dos padrões ocorre, principalmente quando a identificação da pessoa é com o agressor na família de origem, conforme evidenciado nos relatos dos casos. Agressor que se apresenta ao mesmo tempo como agressivo, mas também como muito afetivo, em alguns casos como a pessoa com que os participantes mais tinham proximidade. Para que o rompimento da violência ocorra se faz necessário que algum fator de proteção venha ao encontro da família ou do casal, como num dos casos apresentados que se evidenciou o rompimento da violência no casal na medida em que o casal passou por uma situação difícil, buscando então mais união e tranquilidade nas relações familiares.

### **Considerações Finais**

A violência conjugal é um fenômeno complexo e uma questão de saúde pública. Este estudo qualitativo buscou compreender mais profundamente as relações conjugais e a dinâmica de relacionamento de casais em situação de violência conjugal. Através da análise de dados, ficou evidente a complexidade do fenômeno e algumas interações no relacionamento destes casais.

Este estudo não pretende generalizar os dados, mas sim, lançar luz sobre o entendimento do fenômeno que ainda hoje não é compreendido em alguns aspectos. A partir dos dados, evidenciou-se que este fenômeno é relacional, sendo que o homem e a mulher ocupam o papel diferentes papeis no relacionamento conjugal, sendo vítimas e algozes em distintos momentos, alternando estes dois papéis ao longo do relacionamento. A compreensão da família de origem do casal tem como objetivo compreender o funcionamento destas

pessoas desde as suas relações mais precoces e o contexto que cresceu, pois este tem sido identificado como um fator que exerce forte influência no nosso comportamento e na escolha do nosso parceiro quando adultos (Delson & Margolin, 2004; Wareham, Boots & Chavez,, 2009). Todavia, uma dos casos evidencia a possibilidade de buscar fazer diferente, fugindo de uma perspectiva determinista em relação a repetição de padrões familiares.

É importante considerar que em uma única entrevista é difícil abordar temática de tão grande complexidade. Sugere-se que futuras pesquisas seja realizadas em contexto terapêutico, para investigar melhor a violência em um *setting* onde se poderia abordar o assunto de forma mais aprofundada, podendo assim, pensar em ações e intervenções que possam ajudar o casal a romper com essa dinâmica de relacionamento violenta.

## **Referências**

- Christensen, A. (1988). *Dysfunctional interaction patterns in couples*. In P. Noller & M. A. Fitzpatrick (Eds.). *Perspectives on marital interaction* (pp. 31–52). Philadelphia: Multilingual Matters.
- Day et al (2003). *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*. R. Psiquiatr. 25(1), pp. 9-21.
- Delson, C. & Margolin, G. (2004). *The role of family-of-origin violence in men's marital violence perpetration*. *Clinical Psychological Review.*, 24(1), 99-122.
- Eldridge, K. A., Sevier, M., Jones, J., Atkins, D. C., & Christensen, A. (2007). *Demand-withdraw communication in severely distressed, moderately distressed, and nondistressed couples: Rigidity and polarity during relationship and personal problem discussions*. *Journal of Family Psychology*, 21, 218–226.

Falcke, D. & Feres-Carneiro, T. (2011). *Reflexões sobre a violência conjugal. Diferentes contextos, múltiplas expressões*. In: Wagner, A. e cols. *Desafios Psicossociais da Família Contemporânea. Pesquisa e Reflexões*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Falcke, D.; Oliveira, D. Z.; Rosa, L. W.; Bentancur, M. (2009). *Violência conjugal: um fenômeno interacional*. *Contextos Clínicos*, 2 (2), 81-90.

Gomes, N. P.; Diniz, N. M.; Araújo, A. J. & Coelho, T. M. (2007). *Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração*. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(4), 504-508.

Guimarães, F., Silva, E. & Maciel, S. (2007). *Resenha: “Mas Ele Diz que me Ama...”:* *Cegueira Relacional e Violência Conjugal*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol(23),pp.481-482.

Jin, X.; Eagle, M. & Yoshioka, M. (2007). *Early exposure to violence in the family of origin and positive attitudes towards marital violence: Chinese immigrant male batterers vs. controls*. *J. Fam. Viol.* (22), pp. 211-222.

Kronbauer, J. F. D. & Meneghel, S. N. (2005). *Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro*. *Revista de Saúde Pública*, 39(5), pp 695-701.

Lamoglia, C. V. A. & Minayo, M. C. S. (2009). *Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 595-604.

McKinney, C. M.; Caetano, R.; Ramisetty-Mikler, S. & Nelson, S. (2009). *Childhood Family Violence and Perpetration and Victimization of Intimate Partner Violence: Findings From a National Population-Based Study of Couples*. *AEP*. Vol.19 (1), 25-32.

- Pournaghash-Tehrani, T. & Feizabadi, Z. (2009). *Predictability of physical and psychological violence by early adverse childhood experiences*. *J. Fam Viol*, 24, 417–422.
- Santos, L.V. & Costa, L. F. (2004). *Avaliação da dinâmica conjugal violenta e suas repercussões sobre os filhos*. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), pp. 59-72.
- Schraiber, L. B. et al. (2007). *Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil*. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 41, n. 5.
- Shoham, V., & Rohrbaugh, M. J. (2002). *Brief strategic couple therapy*. In A. S. Gurman & N. S. Jacobson (Eds.), *Clinical handbook of couple therapy* (3 ed., pp. 5–25). New York: Guilford.
- Stith, S. M. & McCollum, E. E. (2011). *Conjoint treatment of couples who have experienced intimate partner violence*. *Aggression and Violent Behavior*, 16, pp. 312–318
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso. Planejamento e Métodos*. Bookman, São Paulo, 3ª Edição.
- Walker, L. (1999). *The Battered Woman Syndrome*. New York: Harper and Row, 338 p.
- Wareham, J.; Boots D. P. & Chavez, J. M. (2009). *A test of social learning and intergenerational transmission among batterers*. *Journal of Criminal Justice*, 37, 163–173.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação foi composta por dois estudos, um estudo quantitativo com o objetivo de identificar casais em situação de violência conjugal e um estudo qualitativo com o objetivo de conhecer e compreender a dinâmica de relacionamento conjugal destes casais. O primeiro estudo, quantitativo, identificou a prevalência da violência, sendo que os resultados surpreenderam, com índices altos de violência já que não se tratava de população clínica. Já o segundo estudo, se propôs a pensar numa perspectiva relacional, buscando compreender em que contexto de relacionamento homens e mulheres exerciam a violência conjugal. Foi possível identificar através dos casais entrevistados que o padrão de repetição da violência foi evidente, sendo difícil romper com o padrão e com o comportamento aprendido, ainda que não impossível.

Os profissionais da área da saúde devem ficar atentos não só em relação à violência de gênero, mas também inúmeros papéis que homens e mulheres desempenham em seus relacionamentos e o quanto os estereótipos de gênero são prejudiciais a ambos. Os movimentos feministas contribuíram muito para a compreensão do fenômeno, mas se faz necessário ampliar a compreensão dos profissionais sobre esta dinâmica de relacionamento conjugal que não coloca a mulher exclusivamente como vítima e o homem como ocupando o espaço de agressor, mas compreendendo que esses papéis são maleáveis na relação e podem ocorrer mutuamente. Nos dois estudos realizados, evidenciou-se a dimensão relacional da violência, confirmando dessa forma estudos internacionais que apontam a violência conjugal como um fenômeno complexo e relacional.

Além disso, é necessário que seja realizado futuros estudos com o objetivo de pensar e executar ações e intervenções clínicas com estes casais. Esses estudos poderiam estar

realizando avaliações e intervenções com o intuito de diminuir a violência no relacionamento conjugal, através da realização de intervenções com casais.